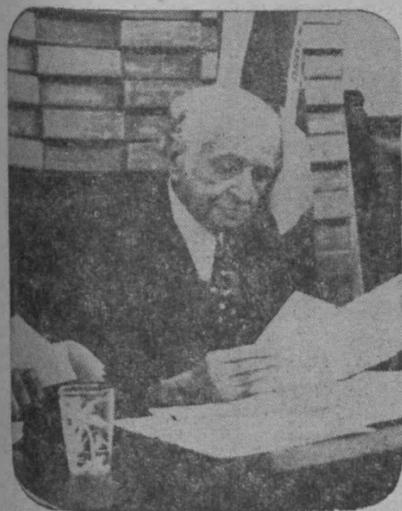




Tropicologia lança os anais de 1969



O Seminário de Tropicologia acaba de publicar os anais de 1969, reunindo importantes trabalhos sobre saberes vários, conforme sua linha de atuação.

Suassuna: todo brasileiro é negro



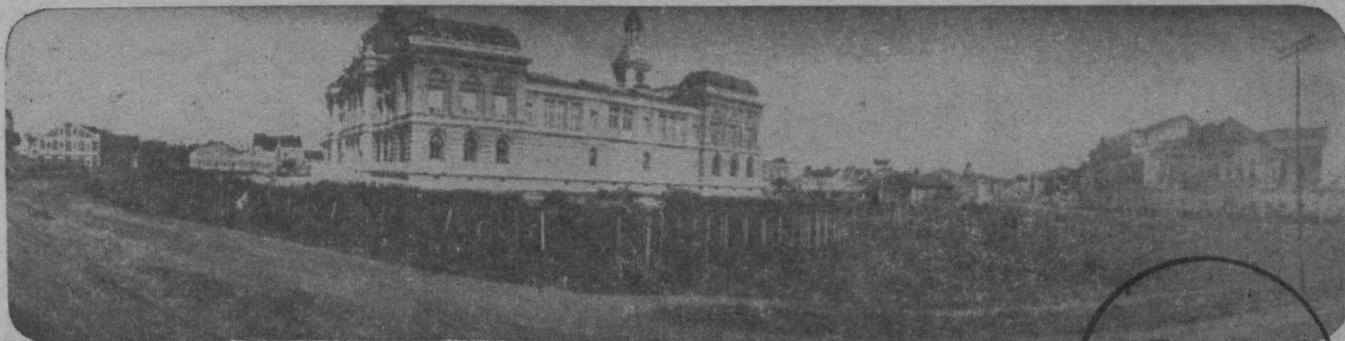
Para o escritor Ariano Suassuna, todo brasileiro é negro, embora não haja, entre nós, uma cultura negra isolada.

Dança: exigência do corpo e da alma



A dança não é uma expressão meramente corporal, como admitem alguns. Significa também uma manifestação do espírito.

METAMORFOSE DO RECIFE - CAPITAL



Ao redor da Faculdade de Direito a calma de velhos casarões

Preço
Cr\$ 2,00



Ruas largas e sem automóveis, eis o Recife antes do progresso



Recife, hoje, quase agonizante com o seu crescimento desordenado

Recife sofreu verdadeira metamorfose, quanto à sua paisagem humana e arquitetônica, ao longo dos seus 150 anos na condição de Capital de Pernambuco. De ruas largas, sem asfalto nem "arranha-céus", por onde passavam carros de tração humana e animal, além dos tradicionais bondes, sem pressa, ostenta hoje a fisionomia de cidade atormentada, apavorada com o crescimento desordenado que a arrebatou, sem estar preparada para tal.



Com a Seleção Brasileira, nem tudo vai bem. E a briga Caxero e FPF? (leia na página de esportes)

COMO SE APRENDE ARTES NA UFPE

Desde o preparo da massa para a confecção dos bonecos do mamulengo à confecção de suas roupas, das máscaras e do próprio palco para a exibição do teatrinho de sombras, todo este artesanato enche as horas que precederam aos ensaios das peças representadas pelos alunos do Curso de Licenciatura em Educação Artística, no que concerne ao teatro.

Conforme determinação do Conselho Federal de Educação, dentro da reforma universitária, o curso de Licenciatura em Educação Artística tem por objetivo formar professores para as atividades, áreas de estudo e disciplinas do ensino de 1.º e 2.º graus, relacionados com o setor da arte.

Um leque de Habilitações

O curso de Educação Artística conduz a habilitações específicas em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho,

além de fundamentos da expressão e comunicação humanas, estética e história da arte, formas de expressão e comunicação artística, fundamentos da linguagem visual, análise de técnicas de expressão e comunicação visuais, evolução do teatro e da dança, evolução da música, práticas instrumentais, regência, habilitação em desenho, evolução das técnicas de representação gráfica, desenho mecânico e técnicas industriais.

É coordenador do curso de Educação Artística o Prof. Milton Bacarelli.

Teatro, valor educativo

A Prof. Helaice Vieira Sales, especializada em Recreação, Lazer e Teatro Educativo, nos Estados Unidos, Bélgica e Guanabara, ressaltou o valor educativo do teatro na escola uma vez que, pôr as crianças em contacto com o teatro é fazê-las

viver em seu mundo próprio, isto é, o mundo do "faz de conta".

Procuramos desenvolver — afirmou Helaice Sales — diversas formas de expressão teatral, como por exemplo o teatro de sombras, o teatro de máscaras, o teatro humano e o do bonecos, ou seja, o nosso tão nordestino mamulengo, segundo Hermilo, um espetáculo integral. São formas subjugantes e gratificantes quando conseguem despertar o entusiasmo dos adolescentes ou possibilita descargas emocionais dando vazão às suas impulsividades.

Não nos limitamos às representações, começamos com a parte artesanal, pois estes universitários, ao término do curso, serão os professores de Educação Artística nas escolas de 1.º e de 2.º graus.



O Professor Francisco da Rosa e Silva é o novo diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco. Ele foi nomeado por Decreto do Presidente da República, conforme indicação do Ministro Ney Braga, da Educação e Cultura, que o escolheu dentre uma lista de seis nomes.

Além de Professor de Direito Civil nas principais instituições — UFPE e Unicap — do Recife, Rosa e Silva exerce, ainda, as funções de Juiz de Direito da Capital, dedicando, portanto, toda a sua vida às ciências jurídicas.

Na foto, o Reitor Paulo Maciel cumprimenta o novo diretor da Faculdade de Direito, durante a solenidade de posse, a que compareceu grande número de autoridades, magistrados, professores, estudantes e representantes de entidades públicas e privadas e das Forças Armadas.

CATALOGANDO

Bonifácio Andrade

A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

No número anterior deste jornal mencionei um livro cuja leitura quero recomendar hoje. Livro escrito por sociólogo mas que se destina não apenas aos especialistas desse campo, porém a todos aqueles que desejam desenvolver a capacidade de pensar, de imaginar. É o livro de C. Wright Mills, *A imaginação sociológica*. (Trad. Waltensir Dutra. Zahar, 1965).

Tenho uma grande admiração por Wright Mills. Ele foi um autêntico artesão intelectual, no sentido atribuído a esta expressão no apêndice desse livro. Foi um indivíduo profundamente empenhado em conhecer a sociedade humana e em colocar o seu conhecimento a serviço da Razão e da Liberdade. Foi um liberal norte-americano, no duplo sentido da expressão. E também um sociólogo que produziu obra vasta e de maior importância. Entre os seus vários livros traduzidos no Brasil, além de *A imaginação sociológica*, dois merecem destaque pelas cortinas que levantam e pelos mitos que destroem: *A elite do poder* (2 ed. Trad. Waltensir Dutra. Zahar, 1968.) e *A nova classe média* (White Collar) (Trad. Vera Borba. Zahar, 1969).

Todavia, é conveniente esclarecer que, embora habituado a citar e a recomendar a leitura de seus livros, não sou o que se poderia chamar de discípulo de Wright Mills. Não sou "tão weberiano quanto ele. Não concordo com muitas das idéias difusas em outros livros e que ele esquematizou em um dos trabalhos que escreveu com Hans Gerth, *Caráter e estrutura social — A Psicologia das instituições sociais* (Trad. Zwinglio Dias. Civilização Brasileira, 1973). E, apesar de elogiar e recomendar *A elite do poder*, concordo com a maioria das críticas que a ele faz o britânico T. B. Bottomore em *As elites e a sociedade* (2 ed. Trad. Otávio Guilherme Velho. Zahar, 1974; especialmente p. 31 e segs.). Críticas que atingem outros livros de Mills.

Sem ser discípulo, repito, sou grande admirador desse sociólogo norte-americano, prematuramente falecido, pela sua defesa da Liberdade, pelo seu esforço para tornar-se um artesão intelectual, pelo seu empenho em exercitar a imaginação sociológica para "deixar claros os elementos da inquietação e da indiferença contemporâneas" (*A imaginação...*, p. 20). E por ele ter escrito esse excepcional orientador do trabalho intelectual que é o livro *A imaginação sociológica*.

Este livro de Wright Mills foi publicado inicialmente nos Estados Unidos em 1959, mas reúne trabalhos ou parte de trabalhos que ele vinha apresentando em conferências ou divulgando em artigos desde 1953. Depois de todo esse tempo, porém, ainda se continua, lá e cá, elaborando e promovendo "trivialidade pretensiosa que passa por ciência social" (p. 199).

Para indicar o que Wright Mills denomina de imaginação sociológica, é interessante transcrever alguns trechos do primeiro capítulo. Ele inicia este, intitulado "A Promessa", sobre as promessas da Ciência Social, escrevendo: "Hoje em dia, os homens sentem, frequen-

temente, suas vidas privadas como uma série de armadilhas. (...) Sua visão, sua capacidade, estão limitadas pelo cenário próximo: o emprego, a família, os vizinhos; em outros ambientes, movimentam-se como estranhos, e permanecem espectadores. E quanto mais consciência têm mesmo vagamente, das ambições e ameaças que transcendem seus cenários imediatos, mais encurralados parecem sentir-se" (p. 9). E continua: "Subjacente a essa sensação de estar encurralados estão mudanças aparentemente impessoais na estrutura mesma de sociedades e que se estendem por continentes inteiros. As realidades da história contemporânea constituem também realidades para o êxito e o fracasso de homens e mulheres individualmente. Quando uma sociedade se industrializa, o camponês se transforma em trabalhador; o senhor feudal desaparece, ou passa a ser homem de negócios. Quando as classes ascendem ou caem, o homem tem emprego ou fica desempregado; quando a taxa de investimento se eleva ou desce, o homem se entusiasma ou se desanima. (...) A vida do indivíduo e a história da sociedade não podem ser compreendidas sem compreendermos essas alternativas" (p. 9-10). E escreve ainda que "raramente (os homens) têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial (...)" (p. 10).

Adiante explica Mills que a imaginação sociológica é "uma qualidade de espírito que ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos" (p. 11). Ela "consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no processo estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes. É essa imaginação que distingue o cientista social do simples técnico" (p. 227-228).

Ainda no primeiro capítulo de *A imaginação sociológica* o autor identifica as principais tendências das ciências sociais (1. "No sentido de uma teoria da História"; 2. No sentido de uma teoria sistemática da 'natureza do homem e da sociedade'; 3. "No sentido de estudo empírico dos fatos e problemas sociais contemporâneos"; e as suas deformações. E nos cinco capítulos seguintes analisa as deformações mais comuns das ciências sociais, para nos últimos capítulos voltar às promessas.

O capítulo segundo é sobre "A grande teoria" e nele Mills faz uma crítica arrasadora ao mais importante livro de Talcott Parsons, principal expoente dessa tendência nos Estados Unidos. O terceiro é sobre "O empirismo abstrato", que com a "superelaboração pretensiosa do 'método' e 'teoria'" perde "a ligação firme com problemas substantivos" (p. 85). O capítulo seguinte, "Tipos de praticalismo", é sobre o praticalismo "liberal" e aquele outro do tipo "relações humanas na indústria", os quais vêm sendo substituídos pelo "Ethos burocrático", abordado no capítulo quinto: "O velho praticalismo liberal dos 'problemas sociais' ainda perdura, mas foi obscurecido pelos usos conservadores mais

novos, do tipo empresarial e manipulativo" (p. 112). O sexto capítulo é sobre "Filosofias da Ciência".

O autor volta às promessas das ciências sociais em capítulos cujos títulos indicam o conteúdo: sétimo, "A variedade humana"; oitavo, "Usos da História"; nono, "Da Razão e da Liberdade"; e décimo, "Da Política". Tem ainda o livro um magnífico apêndice, "Do artesanato intelectual", onde o autor ensina, entre outras coisas, a estimular a imaginação sociológica. É nesse apêndice também onde Wright Mills recomenda não separar o trabalho da vida e onde ele mais insistentemente se insurge contra a "prosa empolada e polissilábica", da "soclíngua" (ou economês e semelhantes), que não decorre da complexidade do assunto, mas "relaciona-se quase totalmente com certas confusões do autor acadêmico sobre seu próprio status" (p. 234).

NOTAS

1 No número anterior deste jornal cometi um grande lapso. Mencionei teses de livre docência elaboradas há pouco tempo por professores do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e esqueci de citar a de Ariano Suassuna, defendida em dezembro último. Como era de se esperar, obteve nota máxima da mesa examinadora presidida pelo Professor Abdias Cabral de Moura. 2 Segundo Aluísio, da Livraria Nordeste, e Givaldo da D. Quixote, está sendo muito vendido o excelente livro de Silke Weber, *Aspirações à Educação*. 3 Baseado em larga base teórica e em pesquisas realizadas em Pernambuco, José Sérgio Leite Lopes escreveu *O vapor do diabo*, sobre o trabalho e o modo de vida dos operários das usinas de açúcar, o qual foi publicado em dezembro último pela Paz e Terra. 4 Está saindo do prelo da Civilização Brasileira o segundo volume da *Correspondência de Capistrano de Abreu*. 5 Em tradução de Fernando Ferro a Zahar publicou, no final de 1976, *A História como Ciência*, de Pierre Chaunu. É uma bem elaborada apresentação da tendência historiográfica denominada história quantitativa. E a história quantitativa vem sendo uma versão sofisticada pelo uso de computadores da superada história factual. 6 Também em 1976 a *Tempo Brasileiro* publicou *Ideologia e conflito no Nordeste rural*, livro em que João Alfredo de Sousa Montenegro estuda as lutas sociais no Vale do Cariri nas primeiras décadas do século passado. 7 A *Brasiliense* acaba de publicar *História do trabalhador*, de Murilo Carvalho. 8 Mais um livro de Wilson Suzigan, desta vez em parceria com Carlos Manuel Pelaez, lançado pela Vozes: *História monetária do Brasil*. 9 Outro lançamento importante do ano passado foi *Ensaio político de Frei Caneca*, pela Editora Documentário, PUC e Conselho Federal de Cultura. 10 A Vozes lançou nova edição de *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco. Publicado pela primeira vez em 1883, foi escrito com objetivos políticos por excelente escritor. Mas independente da qualidade literária, é livro importantíssimo para o debate atualmente aberto pelo papel que desempenhou o seu autor na História do Brasil.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Edição mensal pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

As Férias do Magistério

Palhares Moreira Reis

Solicita-nos a direção do **Jornal Universitário** que iniciemos um trabalho de divulgação de assuntos de interesse do pessoal docente da nossa Universidade, especialmente no que concerne aos seus direitos, deveres e obrigações. A nossa aceitação se verificou com o intuito único de colaborar com este órgão, na sua nova fase, pelo fato de ter deixado de ser um jornal de grupo, e passar a ser um veículo de toda a comunidade.

Ao tratarmos de assunto relacionado com os direitos do magistério universitário, queremos deixar bem claro que estamos fazendo trabalho exclusivamente doutrinário, e que as opiniões aqui expendidas são de nossa exclusiva responsabilidade, não obrigando e nem refletindo necessariamente a orientação dos órgãos de pessoal, seja da Reitoria, seja do MEC ou do próprio DASP.

O art. 49 da lei n.º 4.881-A, de 1965, (Estatuto do Magistério Superior), dimensionava as férias do pessoal docente de ensino superior em 30 dias, que deveriam ter lugar no período de férias escolares, e fixadas no calendário de forma a atender as necessidades didáticas e administrativas do estabelecimento. Foi o artigo mais tarde modificado pelo que dispõe o art. 8.º do Decreto-Lei n.º 465/69, combinado com o § 2.º do art. 28 da lei no. 5.540/68.

Neste sentido, o art. 8.º do D.L. 465 citado, diz que "o pessoal docente das instituições de ensino superior mantidas pela União terá direito a quarenta e cinco (45) dias de férias anuais, feitas as competentes escalas, de modo a assegurar o cumprimento do disposto no § 2.º do artigo 28 da lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968". E este último, por sua vez, determina que "entre os períodos letivos regulares, conforme disponham os estatutos e regimentos, serão executados programas de ensino e pesquisa que assegurem o funcionamento contínuo das instituições de ensino superior".

Além de fatores psicológicos e biológicos, influem decisivamente na fixação dos períodos de férias os de ordem climática, econômica, social e cultural. Os primeiros dos fatores citados se relacionam com a necessidade de descanso físico e mental, e todos eles com o desenvolvimento da produtividade de professores e estudantes.

Para atender aos elementos de ordem climática, adota-se no país o ano letivo de março a novembro, com a interrupção de julho. Do ponto de vista do ensino, a exigência legal é o cumprimento dos 180 dias letivos, o que corresponde a 90 em cada semestre. Não se fixam as datas de início ou término dos trabalhos regulares, e sim os dias letivos. Nem se relacionam os períodos com as cargas horárias de aulas.

O recesso de fim de ano vem permitir ao professor a oportunidade para a programação de suas atividades para o ano letivo seguinte (pesquisas, disciplinas eletivas, etc.). Mas isto não quer dizer que todos os professores saiam de férias ao mesmo tempo, seja no fim, seja no meio do ano. Porque a lei exige o funcionamento contínuo das instituições de ensino superior, inclusive com quises.

curso de férias, realizações de pesquisas, de seminários, e outras atividades. Deste modo, os estatutos e regimentos das universidades e escolas isoladas poderão dispor sobre o fracionamento das férias de professor em dois períodos, de modo a atender, simultaneamente, as exigências do desenvolvimento do ensino, o funcionamento contínuo da instituição, e o gozo das férias, como exige a lei.

Não há nada na lei que proíba o professor de tirar férias pessoais durante o período letivo. Para tanto, porém, é indispensável que seja feita a competente escala, e o Departamento de sua lotação assegure o funcionamento das atividades escolares. Sem novas admissões, nem mesmo provisórias, para este tipo de deficiência numérica.

Em princípio, não deve haver acumulação de férias, não só pela própria natureza deste direito, como pela proibição estabelecida no art. 85 do Estatuto dos Funcionários, que se aplica subsidiariamente aos membros do Grupo Magistério Superior. Se houver, no entanto, a acumulação de férias, isto só poderá se dar até dois períodos, no caso de professor-funcionário, decaindo o direito ao primeiro dos períodos, se as férias não forem gozadas. No caso de professor-contratado, as férias não gozadas serão pagas em dobro, no caso de acumulação de mais de três períodos. É difícil, nesta hipótese, explicar a imperiosa necessidade de serviço, pela exigência legal do estabelecimento da escala de férias.

Se houver o caso de transferência de férias, o período das férias transferidas terá de ser gozado integralmente dentro do ano seguinte àquele a que se refere (Formulação 142 do DASP). Porque, se as férias só podem ser acumuladas pelo prazo máximo de dois anos, é evidente que, na hipótese de acumulação, o funcionário interessado terá de entrar em gozo daquelas em data que permita a fruição do período correspondente ao ano anterior dentro do ano da concessão, porque, do contrário, o servidor passaria a acumular mais de dois períodos no ano seguinte, o que é vedado expressamente pela lei (art. 85 do E.F., citado).

Agora isto, não há impedimento de que o período de férias se estenda além do ano civil. "Não há qualquer norma que justifique a interpretação que proíbe a transposição do ano civil no período de férias. Em casos especiais, como o de completar-se o primeiro ano de exercício em dias do mês de dezembro, impõe-se esta transposição, sob pena de descumprimento da norma vigente, inserida no art. 84 do Estatuto dos Funcionários" (Consultoria Jurídica do DASP, parecer no proc. n.º 11.495/67, DO 13.2.68).

Quanto às férias dos professores do exercício de cargos de administração escolar e universitária, a despeito do que dispõe o art. 32, b da lei n.º 5.540/68, e em nosso entender, como atividades de magistério teriam férias de 45 dias, vem sendo entendido pela Administração Superior que, sendo atividades de direção só se estendem por 30 (trinta) dias, ficando o período de 45 reservados aos professores nas funções de ensino e pesquisa.

Perspectiva

ROBERTO AGUIAR

Os Gênios Apáticos

A burguesia tem muitos chilikos. Dois deles, que recentemente costumam andar juntos, são o esquerdismo e o psicologismo. Duas pestes. Acho que se poderia chamar de o charme indiscreto. É uma espécie de mistura de ressentimento com arrogância.

Não aguento mais essa história de brinquedo educativo. Um estrovoengas sem graça para viciar criança na genialidade da apatia. Tudo prontinho: bonecas que choram, riem, espirram e fazem cocô. A criança fica somente com a obrigação de montar e desmontar esses papangus fracassados. E delas roubada toda a capacidade de invenção. Toda a fantasia. Os danados dos brinquedos, se é que se pode chamá-los de brinquedos, já vêm marcados: estes são para crianças de dois anos, estes outros para as de três. Dizem até, que uma fábrica dessas bugingangas já está para lançar no mercado uma sonda/brinquedo (leia-se sonda barra brinquedo) para educar o embrião. Maravilhas da Tecnologia e da Psicologia. Dos burgueses, é claro. É a produção em massa dos fantoches humanos através da liberdade do mercado.

As crianças são impedidas de conhecer o verdadeiro mundo. O mundo concreto, objetivo e definido. Uma pedra é uma pedra. Um motorista é um motorista. A fantasia é fantasia. Livre e linda, mas fantástica. Pelo contrário, com a máscara do respeito à subjetividade, as crianças são largadas à sua própria inventividade e são feitas prisioneiras do isolamento. Tornam-se inseguras, agressivas e, sobretudo, carentes de definições. Acalmam-se com qualquer coisa que lhes é dado. São adestradas em enfiar pausinhos e bolinhas, em apertar botões e em memorizar retratos de bichos. Os perfeitos superfuncionários do futuro. Técnicos maravilhosos, como estes que andam por aí gastando cada vez menos minutos por dia no maravilhoso exercício de colocar esferas, cubos, pirâmides, cilindros e cones dentro de uma mesma caixinha, a fim de que a superfície sempre apareça plana. Como as suas vidas. Não é ensinado às crianças que o mundo gira, independentemente de suas vontades. Confunde-se, nas suas cabeças a capacidade de transformar a si e ao mundo com a liberdade de ser. Isto é, reduzem a existência humana a uma questão de técnica subjetiva de arrumação dos mundos interior e exterior. Com primazia para o primeiro, é claro. Senão produziria complexos. É necessário deixar as crianças ao bel prazer de sua subjetividade e assim são mais facilmente submetidas. O psicologismo é tirânico.

Esta engenhosa mistura de psicologismo com tecnologismo acasala-se, muito bem, com o espírito do sou do contra. Esta espécie de anarquia da conveniência. Nega-se tudo, porque tudo está errado. E o certo? O certo é estar na sua. Cada um deve fazer o que quer e o que pensa, livremente, pois a sociedade é quem corrompe. E isto, tanto na infância como na juventude e na maturidade. A maré é a mesma. Os gênios apáticos são assim: na infância, agressivos e medidos, na juventude, ressentidos e ociosos, e na maturidade, uns enfossados. Misturam tudo. Praticam o esquerdismo, condenam o capitalismo e sustentam o laissez-faire individual. Maravilhas da Tecnologia e da Psicologia burguesas. Viva Hobbes!

Acredito que Recife nunca foi tão povoada de gênios, como nos últimos tempos. Há um gênio em cada dois jovens que usa um Lee rasgada, lê o Pasquim, se inspira na marijuana e escreve, pinta e borda, ou entalha. E o Recife, nunca esteve tão abandonada por sua juventude... Os técnicos recifenses nunca foram tão competentes. Há pelo menos um super-técnico em cada gabinete suntuoso. E o Recife nunca esteve a mercê dos ventos e das águas, com tanta intensidade, quanto nos tempos que correm. Mas tudo está dentro dos programas e dos cronogramas. Tudo é feito com precisão e a caixinha fica, a cada dia, outra vez plana.

Ajustamento emocional. Eficiência técnica. Liberalidade ética. Sensitive tyning. Deixa para lá. Elenco de medidas. Juízos de valor. Amizade sem compromisso. Desmascarar a repressão. Não estou ligado nisto. Romper para amar. O amor comporta a agressão. Cada um faz como pensa. Quantificação. Probabilidade. Linguagem específica. Brinquedos educativos. Fator Psicológico. Durma-se com um barulho desses...

ODONTOLOGIA RECORDISTA EM TRANSFERÊNCIAS

A história da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco está palmeada de mudanças de instalações, sendo recordista entre as demais Unidades, neste aspecto. Fundada em 1913, experimentou nada menos de cinco transferências e, apesar de estar instalada, desde 1976, nos primeiros e segundo andares do prédio dos Institutos Básicos, onde, segundo alunos e professores, foi o melhor local que encontrou em toda sua peregrinação, aguarda a conclusão do Centro de Ciências da Saúde para onde irá definitivamente — ao que se espera.

Salas amplas e arejadas — e principalmente sem contar mais com o fantasma das cheias que à atingiu no prédio do Dérbi, onde funcionou durante vários anos — são os motivos que levam alunos e professores a afirmarem, unanimemente, "que foi o melhor local que encontramos, em toda a história da Faculdade, até a presente data, com melhores condições para o ensino e a pesquisa". Mesmo assim, dentro de poucos meses, terão novamente de arrumar as malas e tocar para o edifício que abrigará o Centro de Ciências da Saúde, na Cidade Universitária.

História

Odontologia é uma das Unidades mais antigas da UFPE — foi fundada em 1913. Apesar das sucessivas mudanças, foi se expandindo, ao longo dos anos, dotada de um corpo docente de alto nível, por isso mesmo credenciada como uma das instituições mais idôneas do gênero no País. Além da graduação, funciona há cinco anos o curso de pós-graduação, preparando profissionais de alto nível em várias especializações.

Funcionam os Departamentos de Clínica e Odontologia Preventiva e Prótese e Cirurgia Maxilofacial. Seu diretor atual é o professor Romildo Torres, enquanto o curso de pós-graduação está sob o comando do professor José Barbosa de Oliveira.

A pós-graduação funcionou inicialmente especializando em Periodontia e Endodontia. Atualmente, além dessas, foram introduzidas no programa Odontopediatria e Radiologia. O programa compreende 600 horas-aulas, preenchendo espaço de um ano ininterrupto.

Atendimento ao Público

O professor José Barbosa informa que o setor da pós-graduação está fazendo atendimento ao público, das 7 às 12 horas, diariamente, para casos de Endodontia (tratamento de canal), Odontopediatria (para crianças) e Periodontia (tratamento de gengivas). O cliente paga apenas uma taxa simbólica, no momento em que é atendido pela triagem, que o encaminha ao setor específico, de acordo com o caso.

Explicou o prof. José Barbosa que esse atendimento ao público, além dos benefícios que proporciona, assumindo um caráter social, serve para que os alunos cumpram a parte prática do programa, de acordo com recomendação do Conselho Federal de Odontologia.



SUASSUNA CONFIRMA DURANTE INQUISIÇÃO: TODO BRASILEIRO É NEGRO MAS NÃO TEMOS CULTURA NEGRA

A reflexão de Suassuna sobre a cultura brasileira, exposta na tese que elaborou e defendeu há pouco tempo, não é de forma alguma diferente daquele conjunto de idéias que o eminente professor e escritor sempre costumou defender. E não poderia ser de outra maneira. Ariano Suassuna é um intelectual visceralmente ligado às mais ricas, florescentes emanações provenientes dos nossos velhos ancestrais ibéricos.

Seu teatro, por exemplo, e especialmente *O Auto da Compadecida*,



guarda ressonâncias não apenas de certos autores latinos, como Plauto, mas também, e sobretudo, de dramaturgos espanhóis e portugueses. O mesmo po-

de ser dito com relação ao romance picaresco *A Pedra do Reino* — primeira parte de uma ambiciosa trilogia ora em preparo —, onde Suassuna segue as pegadas de alguns dos mais renomados mestres do gênero, principalmente o espanhol Cervantes, sem, contudo, deixar de procurar soluções artísticas absolutamente brasileiras.

Suassuna chama a atenção para o fato de a Cultura no Brasil ser uma mistura de culturas. Para ele, todo brasileiro é negro, mas o Brasil não possui uma

cultura negra isolada, à semelhança de alguns países latino-americanos. A cultura trazida pelos africanos foram incorporados elementos pertinentes à cultura ibérica e indígena. Formando, obviamente, uma unidade miscigenada onde os valores centrais são nitidamente ibéricos.

Ele divide a cultura brasileira em dois momentos: o da conquista e o da civilização. No primeiro desses momentos, resplandecem as personalidades de Euclides da Cunha e de Gonçalves Dias; no segundo, Machado de As-



sis parece ser a figura mais eminente.

Aliás, a admiração de Ariano Suassuna por Euclides da Cunha é sintomática das ca-

racterísticas que fazem do grande escritor brasileiro um perfeito intérprete da brava, ensolarada e viril região à qual o próprio Suassuna pertence.

Ele considera o sertão nordestino o palco do mundo. Para Suassuna, os valores pertinentes a esta parte do Brasil estão sempre adquirindo características universais. Assim, portanto, é plenamente normal que um personagem como Quaderna possa ultrapassar as fronteiras do país que o gerou, deparando com leitores absolutamente afins.

ONÇA CASTANHA: TÍTULO QUE EMPOLGOU PLATÉIA



Quando a imprensa anunciou o nome da tese que seria defendida por Ariano Suassuna — "A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira" — formou-se logo uma áurea de expectativa, nos círculos universitários e intelectuais da Região, notadamente de Pernambuco. Certamente pelo inusitado título, a par do valor e da repercussão que a obra de Suassuna alcança hoje na literatura brasileira.

Essa expectativa culminou com uma numerosa e seleta platéia, que tomou as dependências do auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Evidentemente que a maioria estava constituída de amigos de Suassuna e admiradores da sua obra. Mas não se pode deixar de registrar o percentual daqueles que para lá foram levados pelo repercussão do insólito título da tese, característico mesmo do espírito e do fazer

literário de Ariano Suassuna.

QUEBRA ROTINA

A cerimônia de defesa de tese, atualmente, não passa de uma rotina, na Universidade brasileira, ao contrário de velhos tempos, quando se punha em evidência, regional e até nacional, porquanto caracterizava-se como um grande acontecimento intelectual, mormente se fosse no âmbito das ciências humanas, com ênfase especial para as ciências jurídicas. A defesa de tese do professor Pinto Ferrelra, na então Faculdade de Direito do Recife, é um exemplo eloquente.

No entanto, a solenidade em que Ariano Suassuna defendeu tese para Livre Docente da Universidade Federal de Pernambuco, quebrou essa rotina, quer pela originalidade

da obra, conforme a opinião dos próprios examinadores, quer pela postura alegre, simples, irônica, cômicas, em dados momentos, com que Suassuna costuma se apresentar de público, evidenciando o seu talento de ator, embora a sua consagração no campo do teatro seja de autor, cujas peças são encenadas inclusive em vários países.

E não seria naquele momento que Suassuna arredar-se-ia das suas características, embora alguém possa ter admitido tal hipótese, em virtude de se tratar de um ato estritamente universitário e, como tal, cívico de formalidades. Enganaram-se os que assim esperavam, eis que, não obstante os momentos tensos que envolvem toda inquirição, à platéia de Suassuna não faltou momentos de risos, de descontração. Isto sem que o candidato deixasse, em nenhum momento, de encerrar a arguição com toda seriedade.

Os trabalhos foram iniciados às 9 horas, quando o auditório do CFCH já comportava um público regular. Por volta das 11 horas, quando a Banca Examinadora anunciou o primeiro intervalo, Suassuna já recebia cumprimentos e abraços dos amigos e admiradores, em face da simplicidade e segurança com que se houve perante os seus inquisidores. Ao contrário do que se poderia esperar, a parte oral tomou quase cinco horas, numa verdadeira dissecação.

Ao final da sessão, ingressam no auditório do CFCH o Reitor Paulo Maciel e o vice-reitor Geraldo Lafayette. Foram cumprimentar Suassuna e os componentes da Banca Examinadora. O Prof. Paulo Maciel criou um ambiente descontraído, tendo enfatizado, em breves palavras, o valor intelectual do candidato e dos examinadores.



MARINHEIRO MOSTRA ASPECTOS UNIVERSAIS

Ela iniciou sua arguição afirmando que não tinha a pretensão de examinar uma pessoa de cuja sabedoria não tinha a menor dúvida. Deixou claro, porém, que gostaria de esclarecer alguns pontos de vista. E foi assim que ela procedeu com relação a Ariano Suassuna — que defendia tese intitulada *A Onça Castanha e a Ilha Brasil: Uma Interpretação da Cultura Brasileira*. E o desembaraço e brilhantismo da professora Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro, da Universidade Regional do Nordeste (Campina Grande) e Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa), foi, sem dúvida, um dos pontos mais altos daquela cerimônia.

Mas Elizabeth Marinheiro conhece muito bem a obra de Suassuna. Com efeito, em julho de 1976 ela já defendeu tese sobre a Intertextualidade das Formas Simples na *Pedra do Reino*. Seu contato com o trabalho do autor do *Auto da Compadecida*, porém, já tem quase cinco anos.

Membro do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba e Presidente de Honra da Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira (FACMA), de Campina Grande,



de, Elizabeth Marinheiro espera, agora, que seja publicado o mais breve possível o trabalho sobre a *Pedra do Reino*.

A entrevista com a parábana, que é professora de Teoria Literária e História da Literatura, foi feita num lugar insólito: o restaurante Hotel do Sol, em Boa Viagem, em meio a um ensurdecido vozerio, sons musicais e fumaça de cigarro. Tanto que, ao final, ela disse: "Temo que não tenha saído boa".

Caráter de síntese

P — Como estudiosa da obra de Ariano Suassuna, acredita que o seu messianismo literário tem algo a ver com o sebastianismo também literário de Fernando Pessoa?

R — Ainda não confrontei Pessoa com Suassuna e não seria agora que iria fazê-lo, em critério aleatório. Mesmo assim, não me custa muito dizer como vejo o messianismo em *A Pedra do Reino*. Na minha opinião, o Quinto Império representa uma aspiração universal: ou a sociedade utópica ou o "vai-e-volta".

P — Considera o Movimento Armorial essencialmente cultural, em suas intuições básicas, ou simplesmente um movimento literário, como foi o Regionalismo de 1926?

R — Queira ou não queira, ficou alguma coisa do Regionalismo de 26. É mais amplo, porém, que o simplesmente literário devido ao seu caráter de síntese e por seu imanescente fusionismo.

Singularidade nacional

P — De que modo encara o ângulo político na obra de Ariano Suassuna? Em que

sentido, por exemplo, pode ou deve ser entendida a Monarquia de esquerda de Quaderna?

R — A obra de Ariano Suassuna não pode ser analisada por crítico de visela; terá que ser apontada caleidoscopicamente, pois sabemos que são infinitos os significados possíveis de qualquer ação. Entretanto, o intertexto político de *A Pedra do Reino* sugere uma modificação da realidade proposta pelo próprio conhecimento que o autor tem dela. E como sustentei na minha tese, esta é a solução que o artista daria ao Quinto Império.

P — O que há de essencial no Movimento Armorial?

R — O Movimento Armorial é um pedaço de Suassuna que se encontra em mim, em você e no mundo inteiro. E quando ele une o popular ao erudito, não faz senão misturar os elementos pertinentes ao universo inteiro.

P — O Movimento Armorial é, aqui e ali, interpretado como sendo uma posição cultural de caráter nitidamente elitista, não



dando margem, assim, a uma real assimilação dos verdadeiros anseios do homem brasileiro. A senhora, certamente, não concorda com semelhante noção. O que anteporia a ela?

R — Realmente, não concordo. E explico: particularmente, vejo no Movimento Armorial o início da singularidade nacional brasileira e, por extensão, uma afirmação de nossa cultura popular e erudita.

P — Quem seria mais representativo das posições estéticas, católicas e monarquistas de Suassuna: João Grilo ou Quaderna?

R — João Grilo e Quaderna são um tanto semelhantes. Contudo, eu não conheço tanto *A Compadecida* como o romance. Sei, no entanto, que Quaderna pode ser uma amplificação de João Grilo, assemelhando-se a este pelo país dos deuses e pela média verônica do toureiro. Com seus passos coreográficos, Quaderna sabe como ninguém driblar em ritmo de Diana.

P — Como localiza Ariano Suassuna na Literatura Nacional Brasileira?

R — Primoroso como estilista, combatido como filósofo, sem que se lhe possa impor uma paternidade escolástica e literária, independente como esteta, Ariano Suassuna só poderá ser melhor situado na Literatura Brasileira lá para os anos 2.000, que só acontecer aos grandes criadores. Já disse em minha tese que a ele será reservado o status de introdutor do fantástico, do estranho e do maravilhoso na ficção brasileira. Por outro lado, Ariano Suassuna nos apresenta o Real tão real que se parece fantasmagórico, criando uma vertente do realismo crítico em nossa cultura.

Rita Suassuna, uma presença de destaque

Entre dezenas de pessoas que assistiram à defesa de tese de Ariano Suassuna, destacava-se uma senhora, com 81 anos de idade, de fisionomia austera, porém solícita. Ela acompanhou atentamente o desempenho do candidato, talvez com mais interesse do que o próprio candidato, embora a maioria dos que lá estavam não tivesse conhecimento do fato. A razão é muito simples: era a mãe de Ariano Suassuna.

A presença de dona Rita Suassuna, num auditório, constituiu-se um fato pouco comum na vida des-



sa senhora, que, como se sabe, é muito retraída, vivendo exclusivamente para os filhos, no âmbito do seu lar, sem acompanhar a trajetória de Ariano nas suas apresentações de público, o que seria perfeitamente justificável. Mas lá estava ela, sentada na segunda fila do auditório do Instituto, ouvindo atentamente o desenrolar do exame.

OPINIÃO

A respeito do comportamento do filho escritor, assim expressou-se: "Meus filhos sempre me deram o máximo de satisfação. É natural, então, que eu esteja feliz diante das respostas inteligentes de Ariano. Eu nunca estou presente a cerimônias desse tipo, mesmo porque já sou mulher idosa, mas não medi esforços para assistir à defesa de tese do meu filho".

Quem conhece a trajetória terrestre dos Suassuna, sabe da bravura com que dona Rita enfrentou a vida, principalmente após tornar-se viúva, em circunstâncias pouco comuns a uma família, por mais destaque que se lhe atribua na comunidade em que vive. É lendo, por exemplo, os poucos mas significativos escritos autobiográficos de Ariano (como todo grande escritor, ele fala muito de si mesmo) que o leitor fica conhecendo um pouco do comportamento e da importante história que tem em dona Rita Suassuna um dos principais personagens.

Examinadores conferem nota máxima a Ariano



A banca que examinou Ariano Suassuna estava composta dos seguintes professores: Davi Gueiros, da Universidade de Brasília; Roberto de Amorim Almeida, da Universidade Federal de Pernambuco, ex-aluno do mestre italiano Ernesto Grassi; Elizabeth Agra Marinheiro, da Universidade Federal da Paraíba, que escreveu uma tese sobre *A Pedra do Reino*; Abdias Moura, da Universidade Federal de Pernambu-

co, que presidiu a banca; e Sílvio Macedo, da Universidade Federal de Alagoas.

Todos, com exceção deste último, atribuíram a Suassuna a nota máxima, 10. Macedo, porém, julgando falha a tese (do ponto de vista científico, como se um artista literário fosse obrigado a proceder como um cientista social), foi rigoroso: deu apenas 9,9.

Conferências abrem curso sobre tecnologia nuclear

As universidades brasileiras estão seriamente empenhadas em estudos e pesquisas com vistas à viabilização de novas fontes de energia não convencionais, conforme a preocupação do Governo Federal com relação ao setor. A Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, iniciou, no mês passado, o 1.º Curso de Preparação ao Mestrado em Ciências e Tecnologia Nuclear, para as regiões Norte e Nordeste, tendo a cerimônia de abertura contado com exposições sobre os problemas energéticos do País, dos professores Arnaldo Barbalho e Ervázio Carvalho, e o deputado federal Marco Antônio Maciel.

O Curso está sendo realizado dentro do Plano de Formação e Aperfeiçoamento do Pessoal em nível Superior "PLANFAP", do Ministério das Minas e Energia. Compreende um total de 5.480 horas-aulas, em regime de tempo integral, tendo como local as instalações do Departamento de Energia Nuclear da UFPE.



"O Brasil espera apenas o recebimento do material alemão para instalar e dobrar — ou triplicar — sua produção de energia nuclear. Tal tarefa, porém, exige sacrifícios incalculáveis. Compreendam vocês a responsabilidade que pesa sobre os seus ombros. O futuro do país está entregue a vocês".

Estas palavras foram ditas pelo professor Arnaldo Barbalho, representante do Ministro Shigeaki Ueki, conclamando todos a uma melhor compreensão da política energética traçada pelo governo brasileiro. Um público muito interessado lotava quase todas as dependências do auditório da Escola de Engenharia. Entre os presentes, o Dr. Paulo Gustavo, Vice-Governador do Estado, o Reitor Paulo Frederico do Rego Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco, e várias outras autoridades civis e militares. A cerimônia servia sobretudo para caracterizar a instalação do Curso de Mestrado em Energia Nuclear.

Capacidade crescendo

Ao iniciar a sua conferência, o professor Arnaldo Barbalho — que é pernambucano — deixou claro que daria muitas informações, porém poucas opiniões. Anteriormente, contudo, o Reitor Paulo Maciel agradecera os inestimáveis serviços prestados por Barbalho à comunidade universitária pernambucana, particularmente ao Centro de Energia Nuclear. O conferencista utilizou vários slides para, através de quadros comparativos, mostrar a real situação do Brasil no que concerne à energia nuclear.

Ele não deixa de encarar com bastante otimismo a crescente capacidade brasileira de estar cada vez menos dependente. Um dos slides mostra, por exemplo, que em 1965, o país importava 70% do petróleo que consumia, ao passo que em 1985 este percentual baixará para os 31%. Por outro lado, a dependência do país em matéria de carvão mineral só tende a crescer. Com efeito, em 1965 nosso país importava 46% desse produto, mas em 1985 estará importando 57%.

Sem causar embaraços

O conferencista seguinte, professor Ervázio Carvalho, chamou a atenção de todos para o fato de a energia nuclear estar também ligada a fins bélicos. Mas reconheceu que é difícil contribuir para a paz sem possuir, ao mesmo tempo, suas disponibilidades bélicas. Disse, porém, que o Brasil tem feito o máximo de esforço em prol da paz — apesar de não ter assinado o tratado de não-proliferação de armas nucleares. Tanto que, até hoje, o país não trouxe o menor

embaraço para a Agência Internacional de Energia Atômica.

Aliás, acrescenta o professor Carvalho, além do nosso país, também os outros membros da Agência Internacional de Energia Atômica têm se mantido fiéis aos famosos acordos de salvaguarda. "Todos os acordos internacionais feitos pelo Brasil visam, única e exclusivamente, acelerar o seu desenvolvimento. Nosso país tem se apropriado de know-how mais qualificado e, concomitantemente, procurado ajudar àqueles países cujas potencialidades desenvolvimentistas são menores".

Ele diz que nunca um acordo foi negociado tão rapidamente quanto este do Brasil com a República Federal da Alemanha. Tudo porque o pessoal brasileiro fez um trabalho preliminar de absoluta perfeição. Tão perfeito que a Agência Internacional de Energia Atômica não relutou em assiná-lo.

Mas é que o Brasil se prepara há vários anos, daí a extrema felicidade dos seus intuitos. E diz o professor Ervázio Carvalho: "Se o acordo não chegar a ser cumprido, como insinuam muitos por aí, a própria Agência será levada ao descrédito nas suas pretensões quanto a acordos de salvaguarda". Vale dizer que os acordos de salvaguarda têm o máximo interesse em proteger o material nuclear, mesmo porque o terrorismo, que é universal, representa um perigo maior ainda quando armado nuclearmente.

De qualquer maneira, os acordos de salvaguarda não se estendem àquele material nuclear geralmente utilizado para pesquisas. Pois as pesquisas, diz o professor Carvalho, não podem ser prejudicadas.

E ao encerrar sua palestra sobre os acordos de salvaguarda, que ele, brincando, considera "fastidioso", o professor Ervázio Carvalho afirma que, apesar das pressões que vem sofrendo das potências que assinaram o tratado de não-proliferação, o Brasil manterá seus acordos com os alemães.

Cooperação

O acordo Brasil-Alemanha prevê a criação de uma sistemática de cooperação industrial e tecnológica. Os instrumentos de implementação cobrem as seguintes áreas:

1) Prospecção, pesquisa, desenvolvimento, mineração, exploração de depósito de urânio no Brasil, assim como produção de urânio natural. Essa atividade será exercida por uma empresa formada pela Nuclebrás (51%) e pela Urangewerkschaft (49%).

2) Enriquecimento de urânio, construção de uma fábrica-piloto no

Brasil e programa tecnológico na República Federal da Alemanha. Do acordo assinado pela Nuclebrás nascerá uma empresa binacional com 15% de participação da STEAG e 10% da Interatom. O projeto aplicará o processo da separação a jato para enriquecimento do urânio, desenvolvido no Centro de Pesquisas de Karlsruhe.

3) Indústria de reator nuclear. Esta área compreenderá o suprimento de equipamentos para usinas de força, criação de empresa para produção de combustível nuclear.

4) Reprocessamento de combustíveis irradiáveis. Para isso será construída uma indústria-piloto no Brasil, com participação da empresa alemã Kewa.

5) Financiamento, com participação de bancos alemães.

Pior dependência

A última palestra foi proferida pelo Deputado Federal Marco Antônio Maciel. O pernambucano Marco Maciel, que após o recesso parlamentar assumirá a presidência da Câmara, começou por elogiar o professor Arão Horowitz, da UFPE, por seu trabalho à frente do Centro de Energia Nuclear. Em seguida recorreu ao II PND para assegurar que o máximo interesse do país está justamente concentrado no campo da energia nuclear. Diz ele: "O acordo do Brasil com a República Federal da Alemanha visa, sobretudo, diminuir o poço que nos separa das chamadas sociedades pós-tecnológicas ou afluentes. A dependência tecnológica contribui de maneira decisiva para onerar ainda mais a nossa balança de pagamentos. Assim, esta é a nossa pior dependência".

Um largo passo

Contudo, Marco Maciel garante que o país não entrará assim tão facilmente na era nuclear. Para ele, os sacrifícios serão enormes. E afirma: "A política nuclear brasileira deu, de qualquer maneira, um largo e importante passo para a sua total independência no setor da energia nuclear. Por outro lado, num mundo que o Brasil deseja ver governado pela paz, nós queremos ser um povo feliz, próspero e desenvolvido".

Ao encerrar a sua curta mas preciosa palestra, o deputado disse: "Nós não podemos deixar de estabelecer um programa nuclear compatível com a nossa condição de potência emergente. Aliás, todo país tem o direito de utilizar seu moderno instrumental tecnológico para combater o subdesenvolvimento. Ansiamos pelo nosso pleno desenvolvimento energético. Queremos a nossa independência das tecnologias importadas. Por isso é que o Brasil não assinou o tratado de não-proliferação nuclear".

Universidade e cooperativismo

PAULO JOSÉ BARBOSA

Ao longo dos anos, o Cooperativismo tem sido visto como a solução mais provável para milhares de pequenas comunidades, encontrarem os meios capazes de superar o estágio de subdesenvolvimento em que se encontram. Essas comunidades que geralmente são formadas de pequenas unidades isoladas (propriedade familiar), despolitizada e sem acesso a uma tecnologia mais avançada, tendo condições, no entanto, de enfrentar as grandes empresas que exploram diretamente ou são intermediárias nas principais etapas do processo econômico (Produção, distribuição e consumo), principalmente nas atividades primárias, agricultura por Exemplo.

A primeira idéia dos seguidores de Rochdale em todo mundo, era que agrupando estas pequenas unidades de produção em torno de uma Cooperativa, poder-se-ia multiplicar esforços e superando as dificuldades estruturais, conseguir-se atingir aquelas etapas do processo econômico com razoável eficiência. O Cooperativismo firmar-se-ia assim como doutrina sócio-econômica capaz de atender as necessidades das comunidades mais pobres e poder suplantando as principais dificuldades para alcançar um estágio de evolução superior. Com essa expectativa os idealistas do cooperativismo trouxeram-no para o Brasil.

Não obstante, após alguns anos de luta às investidas daqueles que não acreditam no Cooperativismo ou o consideram uma forma ameaçadora dos seus interesses, as lideranças cooperativistas cederam e derivaram para uma fórmula híbrida de cooperativa/empresa, cuja tendência parece ser de abandonar os princípios básicos do verdadeiro cooperativismo que podem ser sintetizado em duas normas fundamentais, segundo Diva Benevides Pinho:

1. a "norma da igualdade" — definindo as relações dos cooperados entre si — liberdade de adesão, administração através de assembleias gerais, um só voto cada associado, neutralidade política, religiosa e racial.
2. a "norma de proporcionalidade" — fixando a relação dos associados com a empresa cooperativa — retorno proporcional às operações; juros módicos ao capital social, transações a dinheiro — e situa a posição do capital como fator de produção a serviço do homem.

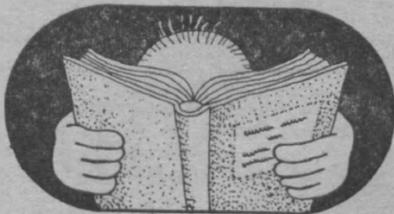
Urge, entretanto, que se estabeleça uma mobilização dos que admitem a solução cooperativista pura, convencidos da sua capacidade de resolver os grandes problemas de produção, notadamente na atividade agrícola, onde a dispersão das pequenas produções de um numeroso contingente de modestos proprietários — 1 a 10 ha. — estão a merecer uma atenção especial, no tocante a melhoria da produtividade, ao transporte da produção e a comercialização dos produtos.

A cooperativa rural poderá ser este elemento aglutinador de pequenos esforços. Basta tão somente que haja um efetivo apoio do governo para seu fortalecimento. Não haverá necessidade de serem criadas grandes cooperativas, centralizando um elevado número de atividades, com tendências a um desvirtuamento, pela ameaça da transformação dessas cooperativas em empresas capitalistas, a exemplo do que se verificou no sul do país com as grandes cooperativas.

O que nos parece mais lógico é o fortalecimento das atuais e até mesmo a criação de novas cooperativas de pequenos produtores rurais espalhados no país. Isto porque de acordo com os estudos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA — o cadastramento de 1972 apresentava as propriedades agrícolas com menos de 50 hectares responsáveis por 43,9% dos produtos básicos de alimentação no país, e, consequentemente, também responsáveis por 38,4% do fornecimento de matérias primas para as indústrias.

Talvez caiba à Universidade o papel fundamental na retomada da implantação do cooperativismo no Brasil e principalmente no Nordeste, através das suas atividades básicas de Ensino, Pesquisa e Extensão, especialmente esta última. As Universidades poderão desenvolver um trabalho de formação de uma mentalidade realmente cooperativista, formando líderes e pesquisando métodos e procedimentos técnicos, de produção, distribuição, comercialização e de gerência administrativa dos grupos cooperados.

Essa participação efetiva da Universidade poderá, em última análise, representar a esperança do renascimento cooperativista no país.



Morte de Bernardes desfalca o JU

Já não mais está entre nós Francisco Bernardes de Lacerda. As vésperas do Natal, quando toda a redação do **Jornal Universitário** e mais os nossos outros companheiros do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal, todos descontraídos e contentes, preparavam-se para comemorar mais um momento da grande festa cristã, chegou a notícia do seu suicídio.

Ninguém queria acreditar. Mas era verdade. Para os seus companheiros do JU, a festa acabou. Bernardes era um jovem de apenas 27 anos. Inteligente, de boa cultura, sensível e dotado de um estilo apurado, um estilo surpreendentemente apurado e luminoso para uma pessoa tão instável quanto ele, o jovem Bernardes ainda tinha muita coisa a fazer.

Em Campina Grande, onde nasceu, Francisco Bernardes de Lacerda abandonou o curso de Engenharia no 5.º ano. Veio para o Recife, onde iniciou mas não concluiu o Curso de Comunicação Social na Universidade Católica de Pernambuco.

Quando morreu, fazia o 2.º ano de Matemática, na UFPE.

Colaborou com os suplementos literários do **Diário de Pernambuco** e **Jornal do Commercio**, onde publicava poemas e ensaios, destacando-se, sobretudo, neste último campo da atividade literária. Angelo Monteiro o considerava "uma vocação de ensaísta". Marcus Accioly, que viu seu livro **SÍSIFO** ser interpretado — num pequeno mas contundente artigo — por Bernardes, intercederá junto a Editora Universitária para que esta publique, agora, um livro de poemas deixado pelo inditoso jovem.



ELEGIA A FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA

MARCUS ACCIOLY

I

A mão se levanta contra o mundo armada (sobre a folha) com seu lápis azul ou negro (a mão que pesa a fundo as coisas que têm corpo ou as almas táteis) a mão que sabe o tempo e o seu profundo espaço de três tempos (a mão tão fácil e tão difícil como um punho) a mão (entre o talvez e o sim) escreveu não

a mão cegou a esperança e o fôlego não transpassou o túnel sob a água que era o ar e era a terra e era o fogo da loucura que torna em cinza a página onde a sombra do rosto (espelho ou jogo de espelhos na mão líquida da lágrima?) a mão bebeu os olhos com seu copo e ergueu à boca o absinto e o ópio

a morte não vem não (primeiro é o sono depois o sonho: a pedra e sua escada de anjos pálidos e púrpuros demônios com uma balança sobre a vida e o nada) eis o súbito salto no abandono entre os vivos e os mortos (ó acrobata a luz do inferno é um sol aceso dentro da terra ou um olho aberto no teu centro?)

engrenado das máquinas aos dentes das estrelas (quem sabe o teu destino?) ah vais girar (poeta) eternamente como a pedra de Sísifo ou feito Ixion (leão pantera ou loba te pressentem no silêncio da sombra onde és menino?) ó suicida amigo e irmão Bernardo São Francisco de Assis guarde teus pássaros

II

com adrenalina no sangue ou o fel da cicuta forte (um corte dentro do lábio e no supercílio um corte) no bosque di color fosco estás onde está a morte

serás transformado em árvore de grandes folhas sombrias (feito mãos dilaceradas entre as unhas das Harpias) famintos cães te farejam como a Pier della Vigna

talvez Catão Uticense (da ilha oposta ao teu polo) nas nuvens niveas da barba transponha o sol dos teus olhos da cor do sétimo círculo às portas do Purgatório

quem sabe (então) Beatriz ouvindo o teu canto mudo do teu xará São Bernardo faça uma espada e um escudo e te leve ao Paraíso onde o amor que move tudo

III

28

AOS ANOS

T
U
I
N
V
E
R
T
I
D
I
D
A
D
E

82

À MEMÓRIA DE FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA

SEVERINO FILGUEIRA

O poeta em dezembro viaja erguendo cansaço mofado às nuvens com o silêncio de lobo vencido entre latifúndios sem inscrições legíveis. Montanhas e planícies do Éden que esperam o fim da viagem com suas clareiras sistinas e o brilho sem ferrugem dos corredores selados das constelações. Enquanto esteve esperando cansativamente o passaporte, sonhou distâncias impressentidas além do cal da superfície pantanosa onde a estranha pedra rola sobre o ser primitivo e simples como a virtude encravada na resina do orvalho e a língua adormecida no berço para descobrir o pesadelo. Além das hidras envolvendo palavras a custo presas nas jaulas abertas

para o hábito sobrevivido das ruínas cercando palácios invisíveis onde trompas anunciam núpcias da eternidade e o instante restritos às carruagens dos convidados de distantes parentescos ancestrais rangendo dentes do exílio sem saber o regresso. E o jogo de xadrez mal é começado no pátio público de espadas e ossos dispersos na sombra gritando dívidas de sangue, punhais afiados debaixo dos mantos. Fuga sem saída, para qual safra é a chuva? O rio lentamente passa, o cometa atravessa milhões de quilômetros, o ua, a veia e o espírito.

Natal de 1976.

Devastação faz crítica dramática aos valores

Uma poesia de conteúdo dramático, mas que evidencia, ao mesmo tempo, a irresistível atração de Pedro Paulo de Sena Madureira, seu autor, pelas palavras.

Dividido em duas partes — **Mordaças e Revelações** —, **Devastação** é uma obra cuja leitura pode oferecer algumas dificuldades quanto à sua interpretação. Claro, tais dificuldades começam por atordoar principalmente ao leitor de pouca bagagem cultural. Este, certamente, ver-se-á intrigado com os poemas que compõem **Revelações**, segunda e última parte do livro, onde o processo das alusões — riquíssimo e abundante na poesia contemporânea — é capaz de recorrer a uma vasta constelação de significativos poetas ocidentais, desde Safo até Ezra Pound.

Aliás, é justamente em "Ezra Pound", um dos poemas da segunda parte, que Sena Madureira invoca não somente a maneira poundiana de escrever, mas também algumas motivações básicas contidas nos famosos **Cantos** do controvertido poeta norte-americano. Os primeiros quatro versos de "Ezra Pound" dizem: "Irrevocável usura devasta/com ferros álcres de falsa cultura/as iluminuras puras que brotaram/na face indormida deste poeta".

Os versos trazem uma alusão a um famoso poema de Pound, mais especificamente aquele que trata da usura, mas, ironicamente, levanta dúvidas acerca da qualidade da poesia do próprio Pound. E, com razão, o leitor está diante de uma crítica inteligente, pois a unanimidade da crítica européia e norte-americana vê com certa desconfiância a proposta poética de Pound.

Um livro difícil mas bonito (o título **Devastação** lembra um outro título, **Terra Desolada**, de T. S. Eliot, e, tanto quanto a obra de Eliot, contém uma crítica à modernidade — assolada pelo tédio e pela aridez dos seus valores), este de Pedro Paulo de Sena Madureira.



VERBO ORIGINAL E TRADUZIDO

WILLIAM CARLOS WILLIAMS — nasceu no dia 17 de setembro de 1883, em Rutherford, Nova Jersey. Filho de pai inglês e mãe portuguesa. Paterson, sua obra-prima, o coloca entre os melhores e mais difíceis poetas da modernidade americana.

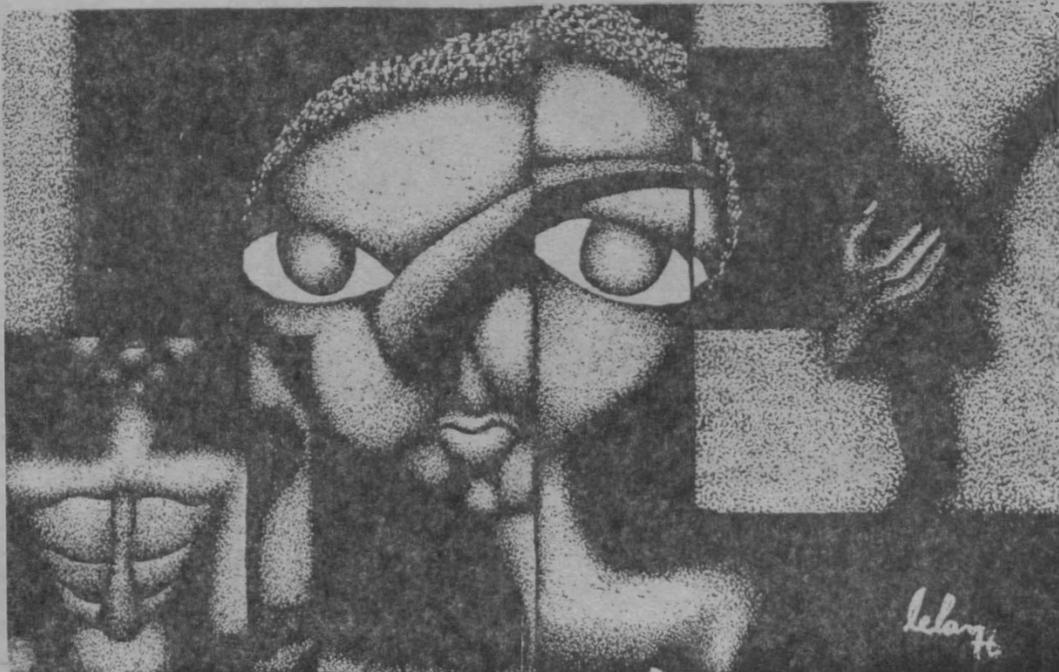
SAFO — natural de Mitilene, nasceu no século VII a.C. Ainda hoje é considerada um

dos expoentes da poesia lírica ocidental. Sólon, segundo uma velha tradição grega, queria “aprender uma canção de Safo e depois morrer”.

DYLAN THOMAS — Nasceu em novembro de 1916. Um galês cuja curta vida decorreu quase toda nos EUA, Thomas escreveu alguns dos mais belos, comoventes e dignos versos do sé-

culo. Suas imagens, belíssimas, têm sempre o poder dramático de enaltecer a vida.

T. S. ELIOT — Nasceu em St. Louis, EUA, em outubro de 1888. É, ao lado de Ezra Pound, o mais inovador poeta da lírica anglo-americana. Sua obra-prima, Quatro Quartetos, é um dos grandes livros de poemas do nosso tempo. Eliot é um crítico admirável.



DESENHO DE LELAN

São Francisco Einstein dos Narcisos Silvestres

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

“Doce país”
Finalmente!
Saindo do mar
—As ondas pequenas
Agitadas de risos
Recordando Venus —
Com liberdade
Para os narcisos silvestres!
— Num vento lacerante
Que sacode
Os espessos pomares —
Einstein, alta violeta
No canto do caramanchão
É alto
Como uma pereira em flor.

Ó Samos, Samos
Morta e enterrada Lésbia,
Uma gata negra no jardim
Recém-revolvido. Tudo Morto.
Toda a carne que cantaram
Jaz na podridão.
Não a cantem mais
— Lado a lado, jovens e velhos
Tomam juntos o sol —
Bordos, verdes e vermelhos
E amarelas campânulas
E a flor escarlate do marmeleiro
— Juntos

A pereira
De mal cheirosas flores

Oscila as ramas altas
Com movimentos contrários
E tanto há pessegueiros
De rósea floração
Como de coralina florescência
No galinheiro despido
Do negro velho
De cabelos brancos
Que esconde
Cabeças envenenadas de peixes
Aqui e ali
Onde gatos extraviados
As encontram

Dias de primavera
E ventos velozes e mutáveis

Soprando de quatro pontos
Quentes e frios
Sacudindo as flores
— Agora o vento nordeste
Trazendo brumas
Deixa a relva fria e gotejante.
A noite é escura, mas na noite
O vento sudeste se aproxima.
O dono do pomar
Jaz deitado no leito
Com as janelas abertas
E atira as cobertas para longe,
Uma por uma

Tradução de Paulo Vizioli

Contemplo como o igual

Dos Próprios Deuses

Safo

Contemplo como o igual dos próprios deuses
Esse homem que sentado à tua frente
Escuta assim de perto quando falas
Com tal doçura,

E ris cheia de graça. Mal te vejo
O coração se agita no meu peito,
Do fundo da garganta já não sai
A minha voz,

A língua como que se parte, corre
Um tênue fogo sob a minha pele,
Os olhos deixam de ver, os meus
Ouvidos zumbem,

E banho-me de suor, e tremo toda,
E logo fico verde como as ervas,
E pouco falta para que eu não morra
Ou enlouqueça.

Tradução de Péricles Eugênio da S. Ramos

Morte na Água

T. S. ELIOT

Phlebas, o Fenício, há quinze dias morto,
Esqueceu o grito das gaivotas, a ressaca,
Os ganhos e as perdas.

Uma corrente sob o mar
Separou os seus ossos num murmúrio.
Enquanto se elevava e descia,
Passou as fases de adulto e de jovem,
Entrando no remoinho.

Gentio ou judeu,
Ó tu que voltas o leme e olhas na direção do
[vento,
Pensa em Phlebas, que foi em tempos
Alto e belo como tu.

Tradução de Maria Amélia Neto

O Império da Morte

DYLAN THOMAS

E o império da morte não existirá.
Os mortos nus serão uma coisa só
Com o homem no vento e a lua no poente;
Quando os ossos polidos e depois desaparecidos
Eles terão as estrelas no cotovelo e no pé;
Embora fiquem loucos, estarão conscientes;
Embora arrastados pelo mar, hão de se erguer outra vez;
Embora os amantes se percam, o amor não se perderá
E o império da morte não existirá.

E o império da morte não existirá.
Sob os meandros do mar
Os que jazem longamente não morrerão em turbulência;
Retorcendo-se no cavalete, quando cedem os tendões,
Amarrados a uma roda, ainda assim não se quebrarão;
A fé em suas mãos será dilacerada,
O unicórnio do mal poderá traspassá-los;
Fendidos de todo jeito, mas não arrebatados;
E o império da morte não existirá.

E o império da morte não existirá.
Não mais as gaivotas a gritar em seus ouvidos
Nem as ondas estrepitosas que se quebram;
Onde desabrochava uma flor, não mais uma flor
Alçará a fronte às rajadas da chuva;
Embora estejam loucos ou mortos como um cão,
As cabeças dos personagens romperão entre margaridas,
Arrebatando-se ao sol até que o sol se arrebatente,
E o império da morte não existirá.

Tradução de Paulo Mendes Campos

PESADELO

GEORGE RAMOS

É mês de outubro, a temperatura está amena, o sol com os seus fracos raios cai sobre a cidade. Observo as ruas do alto do edifício em que trabalho. Olho para baixo, vejo as pessoas passarem estonteadas. Volto à minha mesa de trabalho e sinto uma melancolia quase ociosa no tempo. Ouço pouco vozerio, até o movimento é meio calmo. Que absurdo, quase tudo calmo. Poucos metros adiante, o mar: sereno, sem ondas, sem vagas, sem embarcação. Por que?

O vento frio, que penetra pelas frestas da janela, sacode-me até à sensibilidade celular. De rumor, só o ronco dos automóveis que passam lá embaixo. E eu penso, embora não saiba em que estou pensando. A vida, pelo menos a minha vida, é uma completa absorção de variados sentimentos: amargura, insegurança, melancolia. Ouço os ruídos lá fora, mas em mim nenhuma palpitação. As minhas pernas amolecem, quase não sinto o meu próprio corpo, e todo o meu pensamento jaz em trevas, nem comanda nem é comandado.

É como se o universo tivesse parado. Até a presença da moça ao meu lado, acompanhada de um rapaz que tagarela incessantemente, me é indiferente. Continuo sentindo aquele vento frio em minhas costas. Percebo que algumas pessoas iniciam uma querela acerca de assuntos

mercantis da empresa em que trabalho, mas isso não me interessa. A minha letargia é lesmática, fúnebre.

Tenho vontade de reagir, mas não consigo. Também não me mexo com facilidade. De repente me ocorre um pensamento. Penso: eu morri, agora sou todo mármore, frio mármore. Mas vejo pessoas perto de mim, não sei como mas estou em casa, deitado, estirado em minha cama, os olhos esbugalhados, todo rígido, freneticamente imóvel. Às vezes sinto que estou flutuando, avisto brancas nuvens, pareço viajar por todo o universo. Mas que estranho, que extraordinário, sou como éter, ninguém me vê, começo a gargalhar, alto, bem alto, cada vez mais alto.

Não paro para pensar, mesmo que quisesse não conseguiria, pois continuo vagando, e agora penetro espessas camadas de nuvens, que antes pareciam impenetráveis. Mas, que desalento!, em seguida observo que elas não são mais que gases. Que extraordinário, o mundo nada mais é que uma ínfima partícula. Penetro bosques nunca vistos, vejo sombras gigantes que parecem ser de árvores seculares, e agora um jardim floresce ante os meus pés, suas flores são maravilhosas e suas fragâncias me assaltam o ser. Observo as flores: os jasmims, que parecem rir, as rosas, cuja beleza nunca passa despercebida, os cravos, brancos, tão brancos que quase se tornam invisíveis.

Continuo vagando, em frente, sempre em frente. Estarei num édem? Penso em Adão, mas que estúpido, como pode, ele com a sua Eva, abandonar tudo isso?

De repente, tudo começa a ficar diferente. As cores e coisas não são mais as mesmas, espessas camadas escuras me envolvem todo. Ao fugir tudo aquilo, deparo com um panorama medonho, que nem de longe se assemelha ao anterior. Ouço novas vozes, procuro identificá-las mas não consigo, tudo está escuro, nada tem vida.

Sinto-me velho, asqueroso. Rugas monstruosas invadem todo o meu corpo. Já não sinto mais a epiderme, sou todo oco: não tenho olhos, meus ouvidos são fendas como que talhadas por mãos de algum artista hábil mas criminoso, minhas pernas são como caniços, finas como talos depois de uma queimada. Tudo está além do natural.

Enfim, começo a raciocinar. Devagarinho, devagarinho, o meu consciente vai retomando forma e, sem mais suportar todo aquele torpor, eu grito, grito de uma maneira tal que todas as pessoas no prédio correm à minha sala.

Acordo. Sinto uma alegria impossível de ser descrita, pois descubro que estivera cochilando sobre a minha mesa de trabalho.



OS VERDES MATINAIS é o quarto livro do poeta Geraldo Pinto Rodrigues. Nascido em Jardinópolis, São Paulo, a 7 de fevereiro de 1927, Rodrigues é formado em Filosofia e Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Desde os 19 anos de idade atua como jornalista profissional. Assessor de Imprensa do Secretário de Educação do Estado de São Paulo e fundador do Clube de Poesia de São Paulo, Geraldo Pinto Rodrigues escreve, em **OS VERDES MATINAIS**, uma poesia cuja tônica principal consiste num sereno entendimento da solidão humana. Há, porém, aqui, e ali, versos que exprimem um inquieto apelo à sensualidade.

Cão e Caça

GERALDO PINTO RODRIGUES

Farejo orvalhos como se de faro-cão servido fosse para em frinchas descobrir rastros de auroras, dias levitados, presentes nos desvãos de horas fanadas.

Caçador com canaz mas sem a caça, acerto em vácuos, desaponto a presa. E dessa veação intemperada sobra o troféu de um dia bem ferido.

Há um cansaço nessa empresa rasa de ser a um tempo caçador e caça que se fareja sem perscrutar o cão,

engolindo com saliva e pólvora fomes ferventes que ficaram ausentes na falcoaria em que me torno a presa.

OS MURALISTAS MEXICANOS

APRÍGIO

Quando aqui no Brasil se ouve, se vê, se estuda os grandes capítulos da história das artes plásticas na Europa e nos Estados Unidos (Impressionismo, cubismo, futurismo, pop-art, op-art, vídeo-art) esquece-se de observar nossas camadas artísticas (evoluídas ou retrógradas, não interessa!) latino-americanas que, ao invés destas outras, repercutem muito mais em nós, brasileiros. Pois bem, quando se fala em Siqueiros, Orozco ou Rivera poucos são os que já ouviram falar ou os que já viram suas obras.

Pois são estes os três principais artistas mexicanos que revolucionaram as artes plásticas na América Central e do Sul. Aqui no Brasil a influência de Alfaro Siqueiros (1896-1974) foi marcante na obra do então jovem Di Cavalcanti. Deste "trio infernal" Siqueiros tornou-se o mais

versátil, destemido e violento. Seguindo uma linha de pensamento político visceralmente stalinista, Siqueiros cercou sua obra de um sentido altamente político. Partindo do princípio de que toda obra de arte deve ser para o povo, Siqueiros construiu uma obra monumental, tanto nas dimensões quanto na importância sócio-política. Isto sem desmerecer o seu valor artístico nem tampouco as pesquisas dos materiais utilizados (óleo, piroxilina, madeira, masonite, resinas sintéticas, cimento, etc.).

Suas principais obras refletem o desejo de fazer uma "arte das massas". Por exemplo: *A Marcha da Humanidade*, de 1966 (460m²), *O Progresso do Fascismo*, de 1939 (100m²), *Nossa Imagem Atual*, de 1947 (220 x 172 cm), *Do Porfíriso à Revolução*, de 1966 (240m²), são obras, dentre outras não menos importantes, de Si-

queiros que foram doadas a quem ele mais amava: o povo.

José Clemente Orozco (1883-1949) deixou o curso de agronomia, tentou matemática e arquitetura, mas só aos 25 anos começou a estudar pintura em San Carlos. Iniciou-se como caricaturista político durante a revolução de 1910. Usando as cores fortes de força às suas cenas revolucionárias e, juntamente com Siqueiros, exprimindo-se através da técnica dos afrescos (pintura sobre a argamassa mole nas paredes). *Alegoria da Mexicanidade*, *Maternidade* e *Prometeu* são alguns murais do satírico Orozco.

O terceiro da lista dos grandes muralistas mexicanos é Diego de Rivera (1886-1957). Rivera deixou para o mundo e para o seu povo uma obra gigantesca: 2.000 quadros, mais de 5.000 desenhos e 4.000 metros qua-

drados de pintura mural.

Começou cedo a pegar nos pincéis (10 anos) e logo entrava para a Academia de San Carlos. Aos 16 anos abandona-a cansado do "belo" oficial. Viaja por diversos países da Europa, mas em 1911 volta ao México para comemorar a revolução popular liderada por Emiliano Zapata. Fundou com Siqueiros e Orozco o sindicato dos Pintores (1921), adere ao marxismo e se propõe a executar obras para o povo e não para as mãos dos poucos colecionadores.

Junto com esse aparente estado de agressão, a obra de Rivera é sublinhada por um tom de intensa poesia. Esta poesia está em tudo que pinta, mulheres colhendo flores, criaturas humildes, nunca abandonando o que ele considerava o mais importante: o Homem.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Um grande artista só mantém uma relação com os seus contemporâneos: ele será participante da angústia essencial do seu tempo, ainda quando se esforce por negá-lo. O pequeno artista, ao contrário, mesmo ao afirmar sofregamente a sua atualidade, tenderá sempre a confundir os mesquinhos vagidos de província com os clamores do mundo. Tal artista não conseguirá evoluir nunca dentro de si mesmo: por tomar a arte sempre como uma disputa com antagonistas de idêntico jaez, dentro dos limites amesquinhadores de uma provincianidade espiritual. Não será a palpitação do tempo que o levará irresistivelmente a desviar-se dos próprios trilhos; antes o concerto das diminutas patifarias locais elevadas à dignidade de desconcerto de toda uma época.

Tornar-se-á, dentro de tal critério, impossível atingir a estatura de um Dante, de um Baudelaire, de um Holderlin, não somente porque o nosso tempo não poderia conter mais nenhuma grandeza, mas também porque se correria o risco, realmente deplorável, de não se ser aplaudido por aqueles que abdicaram da inteligência para que, dessa forma, alcançassem a compreensão dos menores.

Mas a ter de disputar com alguém, eu prefiro disputar com Dante — este Vaticano poético — do que com papalvos vates paroquiais. Pois disputar com Dante me dará muito mais trabalho, não somente por um contínuo exercício de humildade, exigível por tal missão, mas também por

que só se adquire grandeza lutando com a grandeza, e só se pode atingir uma altura por meio de um movimento de ascensão. Desde que se nasça para ambas, não vejo porque se torne impossível conquistá-las. Como seria extraordinário se o pudor de confessar-se medíocre fosse maior do que o medo de tornar-se grande.

Não é se negando à poesia, que se há de penetrar em seus domínios. Nem os velhacos, em seu oportunismo falsamente histórico, conseguirão atribuir valor ao que não o tem. Pois grandeza nenhuma é atributo exterior que possa conferir a alguém, a modo de moeda discutível de mérito, aquilo que, por seus próprios limites, estaria impedido de possuir. Só na compreensão dos modernos há cabimento para o abstruso raciocínio de negar-se a possibilidade de grandeza ao mesmo tempo em que se promove uma multiplicação do número de grandes...

A grandeza é solitária; a mediocridade é solidária. A primeira conhece picos; a segunda, monturos. O hábito da primeira só reterão em seus pulmões aqueles que detêm o poder de escalá-la. O odor da segunda é de tal modo disseminado, que será sentido da distância que se quiser, sem ser preciso que se tenha olfato apurado nem narinas adestradas para sorvê-lo.

A época é de monturos; não de picos. Mas a estrumeira é grande para quem não encontra em si mesmo outra saída, e é suficientemente solidário e feliz para não querer de nenhum modo esbarrar com ela.



Escultura em madeira (jaqueira) de Manoel Joaquim da Silva, o conhecido Manoel de Camaragibe, intitulada *Banda de Pifanos de Caruaru*. Ao centro, os irmãos Sebastião e Benedito Viana. A peça possui as seguintes dimensões: 80 cm de altura, 1.10 cm de comprimento e 30 cm de espessura

Santa Teresa: um retorno ao misticismo dos espanhóis

Montana Magda da Silveira é uma dessas pernambucanas que deixam a terra natal em busca de aperfeiçoamento cultural noutras plagas. Depois de vários anos estudando em instituições de ensino superior de vários países, especialmente Espanha, ela volta ao Brasil, preparada para defender tese de Livre Docência em Literatura Espanhola, no Rio de Janeiro. Escolheu como tema de seus estudos a vida e a obra de Santa Teresa.

Curriculo

Ela é Bacharel em Letras Neolatinas pelo Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, além de ter realizado cursos monográficos em Línguas Românicas na Faculdade de Letras da Universidade Complutense de Madri. Fez, ainda, um curso de especialização em Língua e Literatura Espanhola, destinado a professores brasileiros, pelo Instituto de Cultura Hispânica de Madri. E mais: cursos de férias em Língua e Literatura Francesa e seminários de Língua e Literatura Portuguesa através do Instituto de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, da UFPE, e também estágios em cidades francesas (Paris, Grenoble, Nice).

Esteve em Coimbra e Lisboa, através da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura de Lisboa fazendo cursos de Português Superior. Possui trabalhos publicados por revistas culturais brasileiras e portuguesas. Proferiu palestras no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no Recife, e na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.

Sangue judeu

P — Quais os motivos da escolha de Santa Teresa para a sua tese de Livre-Docência em Literatura Espanhola?

R — Não fui bem eu que a escolhi, antes fui a escolhida pela Santa. Isto é, desde que adquirei a obra da Santa no sebo de Melquizedeqes, precedida por uma introdução da Mestra Teresa Leal de Martinez. Concluí os estudos da obra antropocêntrica teresiana, em particular As Cartas, descobrindo as vértebras brasileiras na cultura neo-ibérica renascida.

P — Existe, a seu ver, alguma relação entre a mística espanhola e o misticismo popular brasileiro? No sincretismo religioso nordestino há alguma afinidade com a Espanha?

R — Fundamentalmente, não. Sobretudo se entendemos por místico o carismático religioso e por misticismo a distorção popular da religiosidade brasileira. Entretanto, fatores favoráveis da colonização ibérica trouxeram aculturação dos valores religiosos da península Ibérica, através das ordens missionárias. Assim é que Santa Teresa D'Ávila está integrada numa canção da Lôxa pelo sincretismo do Toré.

P — Fale-nos sobre o sentido lato e o sentido estrito do que chamamos picaresco, no gênero literário espanhol e brasileiro. Ou seja, a procedência desta literatura pícaro na Espanha.

R — O gênero picaresco e o gênero místico se confundem para a elucidação da grande polêmica espanhola, e a pugna entre as duas linguagens estabelecidas entre o burlesco e o picaresco na literatura universal, a exemplo das comédias de Molière (no tempo de Lope de Vega) e, por extensão, dos nossos Jorge Amado e Ariano Suassuna, estabelece traços picarescos em vários personagens espanhóis.

P — No seu entender, Santa Teresa não faria parte do gênero pícaro, ou seja, não seria esta a forma literária escolhida por ela?

R — Na Espanha de Teresa D'Ávila todos se escondiam sob o manto de uma pretensa ignorância devido à Inquisição. A perseguição aos judeus, os "maranhos", conduziu à dubiedade de linguagem, assemelhando-se, portanto, à linguagem dos não convertidos àquela mística usada por Santa Teresa D'Ávila. Havia uma Espanha pícaro e outra mística sendo Teresa pertencente à segunda. Para dado de pesquisas convém acrescentar a gota de sangue judeu que possuía da sua ascendência materna, o seu avô.

P — Qual a razão do estilo simples adotado por Santa Teresa em contraposição, por exemplo, à linguagem de São João da Cruz?



R — Opinando sobre o seu estilo de escrever como sendo o do falar popular (das gentes do campo), explicamos a sua originalidade cultural pela espontaneidade da sua linguagem não rebuscada. Pesquisadas as suas Cartas, simples e sumamente interessantes, e tão importantes quanto as de Santa Catarina de Sena, Heloisa, ou mesmo de Madama de Stael, no que se refere à espiritual escritora, juntamente com São João da Cruz, sentimos a diferenciação pela expressividade mística de um, com os estados da alma negativos de outro, São João da Cruz, onde encontraremos a noite escura da alma, e verificaremos dentro da tessitura vocabular de Santa Teresa, por outro lado, os estados positivos: gozo, glória, alegria, formando a estrutura da linguagem mística.

P — Qual o conceito de Santa Teresa sobre o demoníaco?

R — Mais estudada pela antropologia do que pela teologia, nos fatos que lhe comprovam a repetição dos termos demônio, demoníaco, em Santa Teresa, contudo, vamos situá-la no seu tempo com a escala de valores de sua época, trazendo ainda resquícios e reminiscências da linguagem medieval. E, assim, o ocultismo e o mistério, na trama do tempo com a Inquisição, revela-se através das Cartas da Santa, cuja autenticidade reconhecemos.

P — A mística não seria, no seu entender, sabedoria e também ciência?

R — Sob a dimensão literária da Santa é que elaborei a tese, na intencionalidade de catar a profundidade da obra inteira através do seu eixo principal: As cartas. O fio condutor a esta idéia é, pois, a polaridade mística e científica, elementos que valorizam, ao meu ver, o questionamento do trabalho.

P — Há alguma dimensão antropológica na cultura de Santa Teresa? Por exemplo, nas informações sobre plantas medicinais americanas através das quais chegaram-lhe ao conhecimento as medicinas caseiras e a riqueza tropical da fauna brasileira?

R — A curiosidade do Novo Mundo despertou, na Península Ibérica, a vinda de médicos e curiosos, bem como judeus expulsos pela Inquisição. Ainda mais: as ordens mendicantes vieram para assimilar e integrar as riquezas da flora tropical e, conseqüentemente, toda uma medicina foi revelada na época colonial, chegando pelos mercadores até a Espanha ervas terapêuticas, tais como a caranha, encontrada no Peru e nas regiões amazônicas. Entre outras mais, salsaparilha, zacuto lusitania, etc., foram usadas pelas carmelitas de Teresa D'Ávila, o que demonstra um largo conhecimento da medicina da época.

TROPICOLOGIA, CONFLUÊNCIA DE SABERES

Uma universidade dentro da universidade. Assim é que se poderia definir o Seminário de Tropicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, criado e dirigido pelo antropólogo-sociólogo Gilberto Freyre. Seguindo o modelo Tennenbaum, o Seminário de Tropicologia foi pouco a pouco acrescentando inovações, aperfeiçoando-se e constituindo-se, já agora, num dos mais importantes centros de estudos de toda a América Latina.

"Neste Seminário — diz o antropólogo Waldemar Valente — todos agem confluente e tendências filosóficas, no sentido de que a verdade sobre cada assunto surja, compreensível e clara".

Acrescenta, ainda, que "vale a pena ressaltar que as conferências proferidas no Seminário de Tropicologia, em geral, resultam de pesquisas, realizadas por pessoas categorizadas em suas especialidades — técnicas, científicas, artísticas, filosóficas — submetidas à apreciação de dois debatedores previamente convidados, também peritos nos assuntos focalizados, com discussão democraticamente aberta para os participantes oficiais do colégio".

PRÁTICA — E para o jovem sociólogo Roberto Aguiar, um dos aspectos que não pode deixar de ser destacado no Seminário é a sua instrumentalidade prática. "Como instrumento de agir universitário — afirma — constitui-se em técnica por meio da qual, não apenas os integrantes do Seminário, mas também os estudantes podem participar de modo ativo mediante indagações escritas à mesa".

Aguiar considera, também, que "o Seminário de Tropicologia, embora não tenha preocupações tecnológicas, representa um desses passos dados pela cultura consciente de sua responsabilidade para com o mundo tropical no sentido de possibilitar conhecimentos de alto nível, aqui nascidos e criados, ao agir do homem tropical em sua Região".

PUBLICAÇÃO — Com um lamentável porém justificado atraso de três anos, a Editora Universitária, da UFPE, está publicando e entregando ao público os dois volumes com os trabalhos apresentados e debatidos no decorrer do ano 1969. Com 662, ao todo, o trabalho tem "orelhas" do antropólogo Waldemar Valente, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, e prefácio do jovem sociólogo Roberto Aguiar, também do IJNPS.

Na apresentação dos trabalhos, afirma-se que "através da leitura do valioso material que reúne, vê-se que vai consolidando, no Brasil, em antecipação a outros países, uma Tropicologia quanto possível sistemática, em seu esforço de ser ciência geral aplicada a situações pantropicais, em geral, e algumas ao Brasil, como país tropical, de modo específico. Há uma realidade comum às várias ecologias tropicais — nacionalmente tropicais, algumas, como é o caso da brasileira — sem que deixe de haver diversidade e generalidade. Uma e outra — diversidade e generalidade — vêm sendo consideradas sob critério, ora científico, ora humanístico-científico, pelos componentes, sucessivos componentes, em grande parte, do Seminário, como representantes, que vêm sendo, de diferentes saberes especializados".

DEBATES — Durante o ano de 1969, foram debatidos nove grandes temas: Pesca, Sexo, Universidade, Profilaxia, Algodão, Madeira, Política Internacional, Arqueologia e Pecuária. Os trabalhos foram iniciados com uma conferência do almirante Paulo de Castro Moreira da Silva sobre "Pesca e Trópico", esforçando-se para demonstrar que o "mito" da pesca rica nos trópicos, não existe.

Afirmou: "Diante dessa realidade tão adversa ao mito, e que apenas ligeiramente diafarçam a lagosta e o pargo, é bem cabida a primeira pergunta: a que deve o Trópico a graça desse falacioso equívoco, que lhe confere tal prestígio haléutico? Virá de alguma ingenuidade deslumbrada e perdoável de um Vaz Caminha, ou de alucinação, esta já imperdoável, de um Afonso Celso? Alencar terá culpa no cartório? Penso que não. Redimirei de culpa, desta vez, os nossos inveterados ufanistas. O peixe não é, está mesmo longe de ser, uma propriedade do Trópico; mas a mentira sobre o peixe o é, e universal. Impera nessas poucas, e complicadas, e gloriosas nações longilíneas, em que a natureza parece, como me dizia o Padre Lebet, pintada a óleo, no norte, a aquarela, no sul. E impera até mesmo nas bem menores nações que têm um sul, não direi tropical, mas mediterrâneo, e um nórdico. Também não há francês que não creia que seu peixe é o melro, é a garoupa, da bouilla isse mediterrânea, e não o arenque, a sardinha, a merluza do Mar do Norte".

SEXO — Como segundo conferencista de 1969, o professor Waldemar Valente abordou o tema: "Sexo e Trópico". "A relação clima-sexo — afirma o professor Valente — na espécie



humana, de documentação não muito abundante, mostra-se de difícil determinação. As contagens, no que toca à fertilidade, podendo ser prejudicadas pelos erros decorrentes da limitação artificial da concepção".

Acrescenta: "Mills determinou estatisticamente a época do máximo de fecundidade nas mulheres dos Estados Unidos. Contrariamente, ao qual se podia pensar, é mais antecipada ao Norte que ao Sul, sendo ótimo para a totalidade do país, entre 15 e 20 anos. Mas, esta fecundidade, que é muito mais elevada nesta época da existência entre as mulheres do Norte, diminui muito mais rapidamente que entre as mulheres do Sul, em visão de conjunto, os nascimentos são mais numerosos entre as últimas. Esta observação — afirma Mussenard — concorda com as constatações gerais de Pearl, estabelecendo que a fecundidade total é mais elevada sob os trópicos que na zona temperada, concluindo o autor, sem rodeios, com as seguintes palavras: "a negra constitui mecanismo produtor muito mais eficaz que a branca". Na verdade, tal constatação parece decorrer de um erro: não se levava em conta o birth control. É este fator, ao que tudo indica, o maior responsável pela sua posta desigualdade entre as duas raças, afirma com razão Jacques Millit. A diferença não é, rigorosamente, nem de clima, nem de raça".

UNIVERSIDADE — O humanista Newton Sucupira abordou o tema "Universidade e Trópico", afirmando que "num país constituído de áreas ecológicas, geoeconômicas e geoculturais diversas, formando um conjunto de regiões que tenham a completar com suas diferenças de caráter sociológico e cultural, seria completo alheamento da realidade se as universidades ignorassem as diferenças regionais e deixassem de promover articulações intra-regionais".



"Uma universidade situada — acentuou — é uma universidade inserida em sua situação histórica, identificada com o problema nacional, mas, também sobretudo, entrosada com os problemas de sua comunidade e região. Certamente a universidade administra o ensino em todas as áreas bases. Mas, se existem setores de pesquisas que podem existir ou serem omitidos sem afetar a essência da universidade, é claro que os mesmos só deveriam ser desenvolvidos em relação com as necessidades regionais. Mesmo porque, nenhuma universidade estaria em condições de explorar igualmente todos os campos de pesquisa científica".

PROFILAXIA — Tendo como comentadores o médico Alvaro Vieira de Mello e o estatístico Fernando Antônio Gonçalves, o médico Achilles Scorzelli Júnior proferiu conferência sobre "Profilaxia e Trópico". Inicialmente ele analisou a importância da profilaxia para a conservação da saúde coletiva, ressaltando: "A profilaxia, para alcançar seus objetivos, deve considerar todo o universo das circunstâncias que caracterizam a doença ou o acontecimento importante para a vida, a saúde, a produtividade. Faz-se necessária e indicada, desde que os estudos de seu preâmbulo, a epidemiologia, evidenciem a conjuntura existente e os ramos a serem tomados".



Encerrando, demonstrou que "há uma Tropicologia, inclusive médica, como há uma Tropicologia profilática, para se atender à situação atual. O que cumpre, entretanto, é transmutá-las em verdade provisória, que será apagada pela ciência, a técnica e o progresso social".

ALGODÃO — "Algodão e Trópico constituem a formosa aliança da planta ou vegetal, com o meio ambiente, da qual o homem auferge as vantagens surpreendentes de sua contribuição econômica, psico-social, política e até militar, se considerarmos para a última a importância do algodão desde a fabricação da pólvora até os pensos, ataduras e demais utilidades médico-farmacêuticas empregadas na arte de curar", disse o agrônomo Eudes de Souza Leão Pinto na conferência que pronunciou subordinada a esse tema.

Depois de fazer uma análise técnica da cultura do algodão, Leão Pinto demonstrou que "no íntimo aconchego do algodoeiro com a terra, ele é mais forte como planta resistente à seca do que como capaz de suportar o excesso d'água, cumprindo assim a grande missão de preencher lacunas onde as nobres plantas vegetais não podem. O sertão brasileiro, representado pelo Seridó, é o exemplo eloquente dessa destinação algodoeira, oferecendo à vista humana, nas centelhas de fogo tiradas nas pedras pelos cultivadores, a força telúrica a se exprimir nas plantas num desabrochar, deslumbrante de capulhos alvos, valendo como ouro branco".

Os comentadores dessa conferência foram os agrônomos Fernando Melo do Nascimento e Mário Coelho de Andrade Lima.

MADEIRA — Para o engenheiro-agrônomo Wanderbilt Duarte de Barros, "as madeiras

tropicais, em número relativamente muito inferior ao que existe nas florestas mistas pluviais e quentes, têm merecido cuidados, embora não tenham sido alinhados os processamentos que as afetam em sentido integral".

Entretanto, reconheceu que "a diversidade de ocorrência, de qualidade e de quantidade das madeiras, que provêm da floresta tropical, constitui um problema tanto no dimensionamento ecológico quanto no econômico. A forma florestal da árvore tropical ou a sua arquitetura espontânea, é representada, em geral, por soberbos e majestosos portos com aspecto muitas vezes gigantesco e bizarro. A copa constitui, no dossel, o mais caprichoso emaranhado de galhos e ramos caprichosos, abundantes, lenhosos, sempre inseridos nas mais diferentes posições".

Seus comentadores foram o industrial Sebastião de Holanda Cavalcanti e o economista Roberto Cavalcanti.

POLÍTICA INTERNACIONAL — Uma das conferências de maior importância no Seminário de Tropicologia foi a pronunciada pelo professor Mário Pessoa sobre "Política Internacional e Trópico", comentada pelo industrial

Olintho Victor de Araújo e pelo sociólogo Marcos Vinícius Vilaça.

O internacionalista Mário Pessoa começou fazendo a distinção entre Política Internacional e Política Externa. Disse que, no Trópico, "há Política Internacional e políticas externas, porque não há identificação nem sinonímia entre uma e outras. Para eliminar as confusões reinantes, saliente-se que a Política Internacional tem caráter geral com sentido ou tendências universais, ao passo que a Política Exterior, de índole individualista cheia de peculiaridades nacionais conforme as limitadas áreas geográficas consideradas muito embora guarde para com a Política Internacional o respeito a certos princípios dominantes e por isso mesmo imperativos".

Salientou outro ponto digno de relevo: enquanto a Política Internacional em si não pode ser modificada arbitrariamente por um Estado sem repercussões nos interesses dos demais membros da Comunidade Mundial, afetando às vezes a Paz, já a Política Externa cai dentro da área do arbítrio estatal, na vida das nações. Daí as chamadas políticas, ideológicas ou mesmo os caprichos dos governos que passam".

Mais adiante esclareceu que "as políticas internacionais, que se desenvolvem no Trópico, sofrem as gradações impostas pelas fases que precedem ao desenvolvimento pleno. A influência que podem ter agora sobre as decisões de escala mundial são muito relativas em face da extraordinária pressão nuclear das superpotências, que só encontra limite precisamente na capacidade de dissuasão do poder rival".

Ressaltou, porém, que "todavia, os próprios azares da Política Internacional podem requerer a presença dos países tropicais quando for transposta a fase atual. Isso dependerá muito da capacidade de aglutinação política dos Estados dessa vasta região".

"Quando isso acontecer, — acentuou — é quase certa a liderança do Brasil no Trópico propriamente dito na área desse conturbado Terceiro Mundo a que o Trópico também se inclui. Liderança de ordem política, material e moral. A integração racial brasileira, permitindo o respeito mútuo numa grande unidade geográfica e política, firmará um tipo especial de democracia que se revelará sobretudo pelo reflexo da realidade político-social".

Demonstrou, ainda, que a "Política Internacional, no Trópico, tende antes para a solução de problemas nacionais internos à frente dos quais se coloca o livre-desenvolvimento, na sua mais larga conceituação, do que para um processo gradativo de dominação, que é a via preferida pelas superpotências. Vejo nessa diferença de objetivos uma característica bem tropicalista, resultante da transitória fraqueza político-militar dos povos que se abrigam na faixa geográfica sob análise".

Na conclusão disse que "os estudos que ora se fazem na região tropical, em aprofundado levantamento das suas possibilidades, coloca o Brasil à frente do grande impulso para a liderança natural que virá com a necessária consequência de sua superioridade".

ARQUEOLOGIA — Na penúltima conferência do ano, o arqueólogo Igor Chmyz, falou sobre "Arqueologia e Trópico". Ressaltou que "do ponto de vista arqueológico, o vasto território brasileiro apresenta-se dividido em duas grandes regiões: com ecologias mais ou menos distintas: a Bacia Amazônica e a Faixa Costeira. Apesar de a Bacia Amazônica ser muito vasta para ser ecologicamente uniforme, há nesta um predomínio de planícies, inundações periódicas, temperaturas elevadas e vegetação exuberante".

"Flora e Fauna — acrescentou — para utilização do homem são semelhantes de um extremo a outro, e a agricultura defronta-se por toda a área com os mesmos tipos de problemas".

"A Faixa Costeira — disse — é, geralmente, mais elevada e o clima varia do temperado com invernos frios e chuvas distribuídas durante todo o ano, ao sul, a tropical com estação chuvosa e maior pluviosidade ao norte".

PECUÁRIA E TRÓPICO — O encerramento das atividades do Seminário de Tropicologia, durante o ano de 1969, foi com uma conferência do engenheiro-agrônomo Lauro Ramos Bezerra sobre "Pecuária e Trópico", tendo como comentadores o engenheiro-agrônomo Antônio de Andrade Coelho e o historiador Flávio Guerra.

Durante a palestra, Ramos fez uma análise geral sobre a situação da pecuária no Brasil, acrescentando que o seu trabalho, no fundo, é de contribuir para encontrar possíveis soluções para os problemas desse setor no país.

Recife - Capital: 150 anos de glórias, tragédias e valentia



Uma das reuniões do Conselho Estadual de Cultura que tratou da programação dos 150 anos do Recife-Capital

Recife em Outubro

JOAQUIM CARDOZO

Ó cidade noturna!
Velha, triste, fantástica cidade
Desta humilde tropeira, sem flores, sem poesia,
Alongo a vista sobre as águas,
Sobre os telhados.
Luzes das pontes e dos cais
Refletindo em colunas sobre o rio
Dão a impressão de uma catedral imersa,
Imensa, deslumbrante, encantada.
Onde, ao esplendor das noites velhas,
Quando a cidade está dormindo,
Quando as ruas estão desertas,
Quando, lento, um luar transviado envolve o casario,
As almas dos heróis antigos vão rezar.

Sinto no meu sangue a carícia da noite...

Toda a cidade, eu vejo, está transfigurada:
É um campo desolado, negro, enorme,
Onde rasteja ainda
O último rumor de uma batalha.
E a massa negra dos edifícios
As torres agudas recortando o azul sombrio,
Cadáveres revoltos, remexidos,
Com os braços mutilados
Erguidos para o céu,
Ó minha triste e materna cidade,
Reflete na minha alma rede e amargurada
O teu fervor católico, o teu destino, o teu heroísmo.

Evocação do Recife

MANUEL BANDEIRA

RECIFE

Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —
Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antonio!
Outro contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava sempre que era São José
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver
o fogo.

Capibaribe

— Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nua no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi meu primeiro alumbramento
Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços
redemoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos
destemidos em jangadas de bananeiras
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa
de meu avô.

Exaltada em prosa e verso, Recife sempre se destacou aos olhos do Brasil inteiro, talvez por apresentar contrastes pouco comuns a outros centros urbanos, em que a beleza natural, sua história, aspectos sociais que se refletem através da sua arquitetura de sobrados e mocambos, rios rasgando o seu próprio coração, ora inspirando poetas, ora levando pavor, quando o nível das águas exorbita os limites dos leitos.

Tudo isto, somado a outros elementos, fez com que a cidade fosse batizada de a "Veneza Brasileira". Todos esses aspectos — históricos, sociais, urbanísticos, culturais e econômicos — estão sendo enfatizados dentro dos festejos dos 150 anos do Recife-Capital, neste semestre, por iniciativa dos governos estadual e municipal, com o apoio de entidades culturais. Destaca-se, entre os festejos, a programação do Conselho Estadual de Cultura, com uma série de conferências, no Arquivo Público Estadual.

TOPOGRAFIA

Sobre a sua topografia, dimensões do espaço que representa o cenário do Recife Metropolitano, assim expressou-se o professor e geógrafo Mário Lacerda:

— A partir do seu ponto focal, que é o porto situado na barra do Capibaribe, ele compreende toda a planície do baixo curso desse rio, abrangendo a orla marinha, o delta interior e as várzeas até os limites ocidentais. Estende-se para o norte incorporando Olinda e continuando pela faixa de praias até Maria Farinha. Também se estende para o sul, abrangendo os bairros do Pina e Boa Viagem e alongando-se até Barra de Janga-da. São cerca de cinquenta quilômetros de frente para o mar. E, nas outras direções, o grande aglomerado transpõe os limites da planície assim como os limites do município do Recife para ocupar extensões amplas de terrenos colinosos. Além do Recife e Olinda, são municípios abrangidos — Paulista, São Lourenço da Mata, Jaboatão, Cabo e Moreno. A delimitação oficial da Área Metropolitana inclui também Igarapé e Itamaracá.

Lembra o geógrafo pernambucano que a dimensão espacial, que é a mais tangível, constitui apenas um dos três tipos de tamanho salientando que, no caso do grande aglomerado recifense, compreendendo os novos municípios mencionados, o tamanho populacional que, no ano do Censo (1970), era de 1,12 milhões de habitantes, deverá orçar atualmente pelos 2,2 milhões. E quanto ao tamanho funcional, insuscetível de ser expresso em um único dado, pode-se fazer idéia a respeito da sua expressão atual e do seu crescimento, tendo-se em vista todo o equipamento de serviços, do setor público e do setor privado, e todo o quadro industrial existente no espaço metropolitano, bem como os índices de dinamismo que tem apresentado. Temos, em suma, um espaço geográfico onde se concentra uma parte substancial da população e da economia do Estado, e, mesmo, do Nordeste.

PANORAMA APOCALÍPTICO

Em importante artigo sob o título "Recife, o progresso impossível", publicado no Diário de Pernambuco (edição de 2/11/75), o jornalista Garibaldi Otávio salienta:

— Quase toda abordagem que se faz da cidade do Recife, tende

a ser, talvez inevitavelmente, uma espécie de inventário de misérias. De fato, "seus excessos de pobreza sórdida", de que fala Gilberto Freyre, espantam e constroem qualquer alma mais ou menos sensível aos dramas sociais, do mesmo modo que deve apavorar aqueles políticos, administradores ou cientistas que de seus gabinetes e pelas janelas estreitas das meras projeções estatísticas contemplam o futuro da cidade e planejam o seu desenvolvimento. Visto esse futuro de um ângulo assim tão limitado, não há, certamente, como se evitar a visão de um panorama quase apocalíptico.

No ano 2.000 — aparentemente uma data cabalística para os planejadores — o Recife deverá ter perto de 5 milhões de habitantes amontoados literalmente em seus parques 290 quilômetros quadrados de área urbana. Sem contar a população dos oito municípios que compõem a sua Área Metropolitana que, exercendo suas atividades na capital, utiliza seus equipamentos urbanos já deficitários, embora deixando seus impostos nos municípios de origem. E o que é mais dramático: provavelmente 70% dessa população estará desempregada. Esse é o preço, excessivamente alto, que o Recife poderá pagar pela sua especial característica de centro regional e capital econômica do Nordeste.

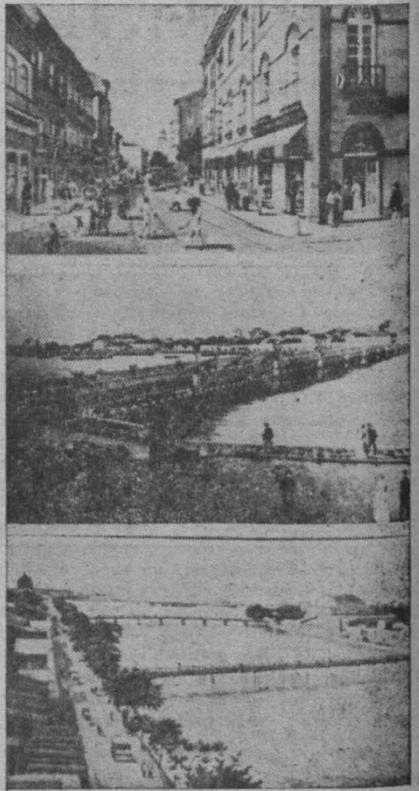
SÍTIO URBANO

Escrevendo sobre "Alguns aspectos originais do sítio urbano do Recife", Rachel Caldas Lins reúne estes elementos: "Uma das mais remotas notícias do aglomerado que daria origem ao Recife é de Gabriel Soares, ao mencionar em 1587 a existência dum povoado que se fazia assinalar por uma ermida do Corpo Santo edificada numa ponta de areia. Duzentos e cinquenta anos mais tarde, contudo, ainda eram os areais que chamavam a atenção de Charles Darwin ao se deparar com a cidade, segundo ele, construída sobre bancos de areia estreitos e baixos, separados uns dos outros por canais rasos de água salgada", croas e bancos de areia, cordões litorâneos arenosos ou restingas, associados tudo a pântanos de água salobra, manguesais, lagamares, esteiros e camboas, eis um resumo do sítio do Recife em sua origem, ou seja, do estuário afogado comum dos rios Capibaribe, Beberibe e Tejipió.

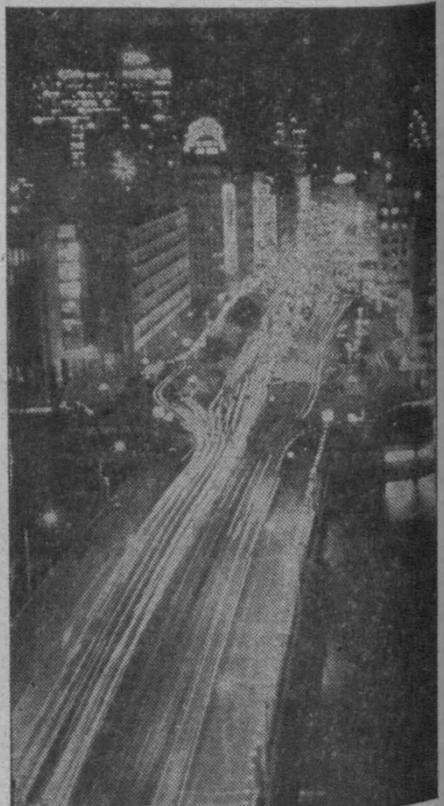
Pode-se ter uma idéia muito aproximada da paisagem com que se deparou Duarte Coelho em 1534, do alto dos outeiros de Olinda, quando alongou a vista para o sul, para a grande planície onde iriam ser plantados os primeiros canaviais da Capitania. Basta, para isso, subir a colina à retaguarda do cabo Santo Agostinho e, antes de alcançar o topo e deixar a rodovia, avançar um pouco para a direita e debruçar-se sobre o panorama esplêndido que se desdobra no estuário comum, igualmente afogado, dos rios Ipojuca, Tatuoca e Massangana. Inclusive verá o pontal de Suape, lá embaixo, referência hoje em dia de ambiciosos programas governamentais de terminal marítimo, estaleiro e complexo industrial de dimensões nunca vistas no Nordeste".

BELEZA POÉTICA

Para os poetas, Recife é visto por um ângulo romântico, lírico e nostálgico. Há uma infinidade de poemas, belos poemas, aliás, exaltando as diversas faces da Capital pernambucana, desde os seus rios, pontes, aos sobrados, mocambos, figuras populares, etc.



Vistas do Recife antigo



Noite do Recife atual

Transcrevemos alguns poemas, que pela textura dos versos, oferecem ao leitor uma ampla visão de toda fisionomia do Recife:

Pregão turístico do Recife

JOAO CABRAL DE MELO NETO

Aqui o mar é uma montanha regular redonda azul, mais alta que os arrecifes e os mangues rasos ao sul. Do mar podeis extrair, do mar deste litoral, um fio de luz precisa, matemática ou metal. Na cidade propriamente Velhos sobrados esgulos apertam ombros calcários de cada lado de um rio. Com os sobrados podeis aprender lição madura: um certo equilíbrio leve, na escrita, da arquitetura. E neste rio indigente, sangue-lama que circula entre cimento e esclerose com sua marcha quase nula, e na gente que se estagna nas mucosas deste rio, morrendo de apodrecer vidas inteiras a fio, podeis aprender que o homem é sempre a melhor medida: Mais: que a medida do homem não é a morte mas a vida.

POBRES E ÍDOLOS



Givanildo, Rivelino e Zico? Ou Falcão, Rivelino e Zico? Quem sabe se não seria melhor Falcão, Rivelino e Givanildo? Ora, os 110 milhões de técnicos existentes no Brasil já pensaram em todas essas variações — mas a maioria desses técnicos jamais pensou em deixar Falcão, do Internacional de Porto Alegre, fora do selecionado brasileiro. Até o técnico da seleção búlgara, que em fins de janeiro provou que os atacantes brasileiros não sabem mais transpor uma defesa fechada, deu a sua opinião.

Ele acha que Falcão não deve ficar fora do time. Não sabe, porém, responder a uma pergunta aparentemente simples: no lugar de quem ele deve entrar? Então o técnico da Bulgária, Stoyan Ormandjiev, respondeu: "De Rivelino ou Zico". Em seguida, aprofundando a questão, disse: "Mas creio que Rivelino está

muito bem. Este é, sem dúvida, um grande problema".

No tempo dos ídolos, ou seja, no tempo em que cada jogador de futebol brasileiro era uma maravilha em potencial, tais problemas eram facilmente resolvidos. Paulo Roberto Falcão, 23 anos, dotado de inegáveis qualidades técnicas e físicas, já provou que é uma peça indispensável no elenco do Internacional. Na seleção brasileira, contudo, o jovem apoiador gaúcho nunca produz o suficiente. E, para não ser totalmente injusto com Falcão, o técnico Brandão resolveu deixá-lo como eventual substituto do pernambucano Givanildo. Pois Brandão acredita, e em parte isto é verdade, que Givanildo constitui a mais razoável opção para aquele setor.

Não é raro encontrar brasileiros insatisfeitos com a performance atual dos futebolistas

nacionais. Mesmo porque, e é justo que tal aconteça, ninguém conseguiu esquecer o extraordinário time que, em 1970, conquistou o campeonato mundial pela terceira vez. Mas os tempos são outros. Hoje, infelizmente, escasseiam futebolistas da grandeza de Pelé, Gerson, Carlos Alberto, Tostão, Clodoaldo, Wilson Piazza...

Pelé, por exemplo, jogava tão bem no seu time, o Santos de São Paulo, quanto na seleção nacional do seu país. E mais: se faltasse goleiro, Pelé estaria firme debaixo das traves. Tostão, do Cruzeiro de Belo Horizonte, era capaz de, mesmo sem carregar a bola, deixar toda uma defesa apavorada. Carlos Alberto, também do Santos, funcionava como um lateral perfeito, marcando com segurança, indo à frente e chutando para o gol adversário com incrível perigo. Gerson, do Botafogo

do Rio, dava, sem sair do lugar, um inigualável passe para qualquer companheiro colocado a uns 50 metros adiante. Clodoaldo, companheiro de Pelé e Carlos Alberto no Santos, era um perfeito meio-campista. Plaza, do Cruzeiro de Belo Horizonte, um jogador elegante, essencialmente técnico, mas incapaz de permitir que um adversário chegasse com facilidade ao gol da seleção.

Hoje, é doloroso perceber que o jovem Falcão não faz na seleção o que faz no seu time. É acabrunhador verificar que a seleção de futebol brasileira não possui extremas, nem para a direita nem para a esquerda. Enfim, não é nada bom seguir os passos de atacantes que desaprenderam completamente a arte de furar bloqueios defensivos. Onde estão aqueles que, de fato e de direito não são ídolos de absolutamente nada?



Santa Cruz diz que FPF está sugando rendas



Começou muito cedo a chiar o presidente da Federação Pernambucana de Futebol, ao tomar conhecimento, através dos órgãos de comunicação social do Recife, de um estudo realizado pela direção do Santa Cruz, segundo o qual a FPF vem faturando altíssimo com a taxa de 11 por cento sobre a renda bruta dos jogos do Campeonato Estadual da primeira divisão.

Quando o sr. João Caxero, representante do Santa Cruz junto à FPF, anunciou que iria apresentar proposição para que os 11 por cento concedidos àquela mentora fossem reduzidos para cinco por cento, esbravejaram Rubem Moreira e uma infinidade de presidentes de Ligas do Interior (2a. divisão), fazendo corrente contra tal proposição, antes mesmo que ela fosse posta em julgamento, em caráter oficial.

SEGURANÇA

A verdade é que, enquanto a FPF vive nababescamente instalada em um dos edifícios mais luxuosos da Capital pernambucana, com vários andares alocados a firmas comerciais, portanto com vultosa renda própria, ainda suga os 11 por cento da renda bruta dos jogos, em detrimento dos seus filiados, que vivem às duras

penas, sem recursos para cobrir as suas despesas mensais, principalmente relacionadas com os seus plantéis.

A ordem dos valores, neste caso, foi invertida: a FPF, que vive a serviço dos seus filiados, porque é uma consequência destes, passou a ser o porta-estandarte dos espetáculos, mesmo, sem qualquer contributo significativo para a sua realização, levando o quinhão maior e, por mais incrível que pareça, os artistas, os verdadeiros promotores dos espetáculos futebolísticos ficam a ver navios, pois, em termos financeiros, foram preteridos em função dos interesses da FPF.

Mas o representante do Santa Cruz está absolutamente seguro na sua proposição, visto que ela foi elaborada à luz da matemática. E como os números não escondem a verdade, a iniciativa causou transtornos a muita gente que vive a pedir favores e, por conta disso, a endeusar o sr. Rubem Moreira, o eterno presidente da Federação Pernambucana de Futebol.

Ao que se deduz, nada mais justo do que o pleito do Santa Cruz. Pena que os demais dirigentes dos grandes clubes do Recife não estejam esclarecidos (e se o estão, escondem a regra do jogo) e permanecem

alimentando velhos vícios, que somente prejuízos trazem ao nosso futebol. E o resultado dessa omissão (ou burrice?) aí está: a cada ano que passa, a monomania toma conta dos campeonatos estaduais de futebol, sem qualquer sentido de planejamento, sem o mínimo respeito ao sofrido torcedor, notadamente por parte da FPF.

Os observadores ficam a perguntar: qual o destino dado às vultosas rendas da Federação Pernambucana de Futebol? Dinheiro que sai do bolso do torcedor, que paga os "olhos da cara" para frequentar os nossos desconfortáveis estádios, bem que poderia ser revertido em programas capazes de elevar o nível do nosso futebol, com incentivos ao amadorismo, de forma mais ampla, permitindo a FPF que os verdadeiros promotores dos espetáculos fossem melhor aquinhoados, sem inverter papéis.

Verdade é: os clubes podem sobreviver sem a Federação, mas esta não tem razão de ser sem a presença daqueles. Logo, procede, sem qualquer contestação, a iniciativa do Santa Cruz, quanto ao problema de participação de clubes e Federação nas rendas dos jogos da primeira divisão.

SALÁRIO PROFISSIONAL, JOGO ABERTO

É chegado o tempo de se estabelecer normas disciplinando o conturbado problema de aumento salarial do jogador profissional de futebol. Principalmente quando se sabe estar a profissão devidamente regulamentada pelo Governo Federal, portanto, com os mesmos direitos e obrigações atribuídos às demais categorias. Por que então continua o jogador de futebol pedindo vultosas somas para renovar contrato de um ano?

Evidentemente porque falta uma norma pondo as peças nos seus devidos lugares, não permitindo livre arbítrio ao jogador para exigir o que quer e entende seja merecedor, em termos salariais, o que o coloca numa posição absolutamente privilegiada em relação a outras categorias profissionais. Em consequência, a inflação do futebol brasileiro é cada vez maior, e a maioria dos clubes vivem à beira da falência,

sem ter para quem apelar.

Sem normas que ponham em relevo os interesses da comunidade, não permitindo que o interesse individual se sobreponha em detrimento daqueles, qualquer organização ou sociedade, seja empresarial, industrial, estatal, sócio-esportiva, está fadada ao fracasso, mais cedo ou mais tarde ruirá por terra. É o caso do jogador de futebol no Brasil. Pelo menos no que diz respeito à parte

financeira, não poderia alcançar um estágio de maior desorganização que o atual. Qualquer jogador está aí pedindo verdadeiras fortunas para renovar contrato com o seu clube — e na maioria dos casos termina por atingir seus objetivos.

Em Pernambuco, neste início de temporada, tivemos vários casos de renovação de contrato, entre jogadores do Esporte, Santa Cruz e Clube Náutico Capibaribe.

Vale lembrar que os dirigentes de clubes têm a sua parcela de culpa para que o problema atingisse as dimensões que atingiu. Também sem ter pela frente qualquer norma regulamentando a matéria, dirigentes de clubes bradam aos quatro ventos que o passe de tal jogador vale tantos e quantos milhões. Ponto de partida para que o atleta sintasse supervalorizado e, sem titubear, exija, igualmente vultosas quantias para prestação

de mais um ano de serviços à agremiação a que está vinculado.

Que se fazer, então? O caminho é este mesmo: o Governo estudar cuidadosamente o problema, discipliná-lo, sob pena de o futebol profissional, dentro de poucos anos, passar a ser assunto para os historiadores, pesquisadores, etc., portanto, com a falência dos clubes, desaparecem os artistas e, espetáculo que é bom, fica mesmo na recordação...

Os 10 melhores filmes segundo nossa bitola

Nada mais penoso do que confeccionar uma lista contendo dez filmes importantes. Geralmente, somos generosos em demasia com uns, muito rigorosos com outros. Mas, se duas pessoas dividem a responsabilidade pela escolha as coisas ficam mais fáceis. Uma só pessoa daria, no mínimo, a impressão — falsa ou não — de arbitrariedade na seleção; duas pessoas, porém, discutindo entre si mesmas, podem chegar a um consenso mais abalizado. Mesmo assim, eu e J. Mário Rodriguez tivemos sérias discordâncias com respeito a dois filmes. Eu não queria aceitar a inclusão de **O Velho Fuzil**, mais um libelo contra o nazismo, por achar que o trabalho de Enrico não tinha as qualidades necessárias a um bom filme, e ele, por outro lado, contestava o selecionamento de **Filme de Percussão Mercado a Dentro**, de Fernando Monteiro, sob a alegação de que, sendo de curta-metragem, a película não estava imbuída de maiores pretensões. Enfim, mantido o mútuo respeito, eis as melhores peças cinematográficas exibidas no Recife em 1976.

VIOLÊNCIA E PAIXÃO — de Luchino Visconti. Uma devastadora impiedosa auto-análise levada a cabo por um intelectual refinado, amante da música dos grandes mestres, especialmente Mozart, e dos pintores setecentistas ingleses. Um réquiem àqueles que, ao adotarem uma postura cultural de profundo elitismo, mergulham, ao fim e ao cabo, na impotência e no desespero. Filme belíssimo.

CORAÇÕES E MENTES — de Peter Davis. Uma veemente e emocional demonstração

dos estragos causados por uma nação poderosa que, intervindo nos negócios internos de uma outra, pobre e frágil causa tanto mal a si mesma como àquela. Uma tardia mas sincera mea culpa do povo americano.

O PASSAGEIRO — de Michelangelo Antonioni. Mais um belo exemplo de cinema do famoso realizador italiano. As desesperanças de um homem em busca de sua verdadeira identidade — sua vida em vão e sua morte ingloria. Dizer que o mestre se repete não constitui argumento muito forte contra o filme. Destaque todo especial para a antológica sequência final, tão expressiva quanto aquela de **Blow-Up**, onde duas pessoas jogam tênis com uma bola imaginária.

UM ESTRANHO NO NINHO — de Milos Forman. Um hospital de alienados funcionando à maneira de um sistema altamente repressor. O filme — uma alegoria sobre a liberdade do indivíduo humano —, embora não tenha agradado a gregos e troianos, nada tem a ver com as medíocres produções hollywoodianas vistas ultimamente. Todo o elenco — encabeçado pelo admirável Jack Nicholson — tem um comportamento exemplar.

UM DIA DE CÃO — de Sidney Lumet. Um assalto, praticado por dois rapazes inexperientes, é transformado em algo semelhante a um show-business: jornais, emissoras de rádio e televisão fazem uma cobertura espalhafatosa e vazia. Esfuziante performance de Al Pacino.

O VELHO FUZIL — de Robert Enrico. Um libelo sem muita profundidade mas, de qualquer maneira,

sempre oportuno contra atitudes totalitárias. O que o filme perde em profundidade ganha, porém, em demonstrações acerca da brutalidade humana.

LIÇÃO DE AMOR — de Eduardo Escorel. Um excepcional filme brasileiro. A mise-en-scène é maravilhosa. Enfim, o essencial do livro de Mário de Andrade — sobre a ascensão da burguesia brasileira — cinematografado com rara eficiência pelo jovem Escorel.

O REI DA NOITE — de Hector Babenco, cineasta de nacionalidade argentina. As venturas e desventuras de um boêmio paulista na São Paulo dos anos 20. Babenco, um estrangeiro, indica uma opção a mais para o cinema brasileiro. Paulo José, Marília Pera e Vic Militelo desempenham seus papéis com emoção e dignidade.

O PREDILETO — de Roberto Palmari. Um retrato inconformista da velhice desajustada de um empedernido "coronel" nordestino. Um tema popular encarado com patética ironia. Por outro lado, Jofre Soares confirma o conceito que muitos fazem dele: é um dos maiores atores de cinema do Brasil.

FILME DE PERCUSSÃO MERCADO A DENTRO — de Fernando Monteiro. Um sutil tom de denúncia contra a derrubada de um histórico mercado — o de Halles, na França. Uma desinteressada mas lírica viagem da câmara pelos compartimentos de um outro mercado — o de São José, no Recife. As imagens de um, morrendo, e de outro, vivo e buliçoso, sobrepondo-se sob a música do compositor pernambucano Marlos Nobre. Um belo filme, por que não?

OSÉ CARLOS TARGINO



TV GLOBO:

muito otimismo, pouca qualidade

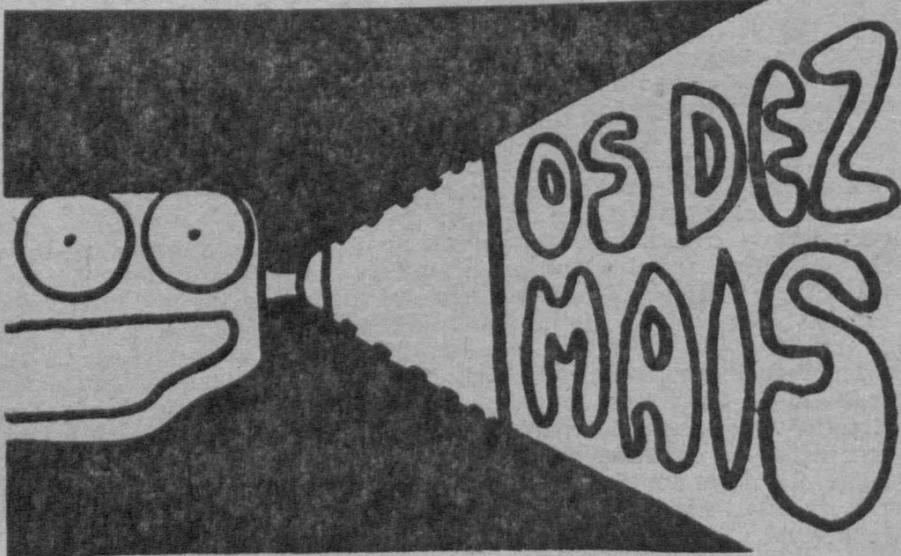
A Rede Globo vem mostrando para o país inteiro o encontro, seguido de um curto e sintomático diálogo, entre dois velhos amigos. Um deles, que todos os telespectadores conhecem como sendo um otimista, pergunta ao outro, pessimista, como vão as coisas. Este não reluta: "Sei lá! Andam falando em crise", responde, olhando para os lados. O otimista não concorda. E torna a fazer nova pergunta: "E a família?" O pessimista, com um ar desolador, responde que o seu filho amanheceu gripado. "Ah, não tem importância, amanhã ele amanhece bom", retruca o otimista. O pessimista o fulmina com uma reação nada diferente da primeira resposta: "Sei lá!" E, mais uma vez, o otimista resolve experimentá-lo: "Vai ver o jogo do próximo domingo?", indaga. "Prá que? Prá ver meu time perder?", responde, novamente desolado, o pessimista. O otimista, que se esforça para conter a impaciência, faz uma observação a respeito do tempo. Coitado dele. Brandindo um guarda-chuva, que aponta para o céu, o pessimista, em pleno dia festivamente ensolarado, ameaça o otimista com uma trovada. E, irritado, o pessimista sai esbravejando.

O telespectador inteligente fica boquiaberto diante da moral da história — aliás, uma moral que costuma nortear o pensamento da maior parte dos diretores da Rede Globo: "O pessimista é antes de tudo um chato". Uma conclusão nada coerente, pois, além de o tempo não estar mesmo para nenhuma espécie de otimismo, a Rede Globo continua chateando o telespectador brasileiro com uma interminável série de programas que nada têm a ver com o apregoado padrão de qualidade Globo.

A Globo insiste no esquema visivelmente hollywoodiano do Sandra & Miéle — onde pontificam o estrelismo oco e pedante da linda Sandra e as piadas sem graça do barbudo Miéle. Claro, o programa — cuja feitura exige o desembaraço de milhares de cifrões — chega a ser bonito, mas pouco tem a ver com uma maneira brasileira de fazer televisão. A Globo insiste nas famigeradas novelas — e agora, enquanto aguarda a real substituta de Saramandaia, exhibe um compacto de Odorico, o Bem Amado. O Bem Amado foi uma das primeiras novelas de boa qualidade artesanal e conteudística apresentadas pela televisão brasileira. Contudo, é plenamente desnecessário o seu retorno, mesmo porque a Globo, usando um mínimo de imaginação, aguardaria a próxima novela com um outro tipo de programa. É verdade que a emissora foi surpreendida com a proibição de *Despedida de Casado*, e provavelmente não dispôs do tempo necessário à invenção de um outro programa, mas por que não desarquivou algum vídeo-tape de maior valia?

Por que insistir com o nefasto Globo de Ouro? E os enlatados de procedência americana (frequentemente também na Tupi), quando acabarão? E por que, no lugar de Amarel Neto, o Repórter, não colocar um programa mais verdadeiro sobre o Brasil, uma reportagem capaz de mostrar o país tal como ele o é realmente — com suas riquezas e suas pobreza, suas alegrias e dores, suas possibilidades e impossibilidades?

A verdade é que, diante da maior parte da programação da Rede Globo, ninguém é capaz do otimismo exagerado que a emissora procura disseminar pelo país afora.



Folclore

ANGELA DELOUCHE

O fato folclórico só persiste enquanto tem função marcada, seja a primitiva que o motivou, seja sua reinterpretação. Mas ele morre onde nasce, no seio do povo. Desde que perdeu sua finalidade, é olvidado e desaparece, passa a ser um fenômeno apenas histórico.

Renato Almeida

É TEMPO DE CARNAVAL

FREVO



Quem quiser saber o que é o frevo dele terá idéia indo às ruas nos dias de carnaval. Recorra a Valdemar de Oliveira, sobretudo em seu livro "Frevo, Capoeira e Passo". Ele nos diz que o frevo é música e dança coletiva pernambucana. Dá-se o nome de passo à dança individual.

Em recente publicação do Centro de Estudos Folclóricos, do IJNPS, diz Valdemar de Oliveira sobre o frevo: " trata-se de um tema em contínua efervescência, que é daí mesmo que lhe veio o nome de batismo. Seja pelo documento novo, seja pela sua natural evolução, seja pelas distorções sofridas, seja por aspectos inéditos aos nossos ouvidos, o frevo é de uma enorme fertilidade para os estudiosos.

Acentue-se, por exemplo, a aculturação que se vem processando em Pernambuco, notadamente no Recife, entre os diversos grupos carnavalescos, diferenciados por suas origens, em maracatus, em cabocolinhos, em clubes de rua e blocos. A interpenetração dessas culturas até pouco tempo estanques, muito ciosas do que poderíamos chamar o seu status ancestral — africano, aborigene, pardo-brasileiro — nos oferece o estranho espetáculo de caboclos em cortes de maracatus, de 'passistas' em desfiles de blocos, de 'baianas' em clubes pedestres e, como se não bastasse, de sambistas, nitidamente exóticos, em qualquer delas".

Mas Valdemar de Oliveira lamenta que o frevo esteja se rendendo ao samba, 'acamara-dando-se' com o invasor de grande poder de penetração e de assessoramento. A 'onda', então, que é a multidão fazendo o passo, esta desapareceu, pelo despojamento progressivo das delimitações e ausência de orquestra.

A palavra **carnaval** vem do baixo latim, **carnevale**, diz-nos o dicionário e se refere aos dias próximos e anteriores à Quaresma, ou mais explicitamente, aos três dias que precedem a quarta-feira de Cinzas (a chamada quarta-feira ingrata). Mas que significa, precisamente, a palavra carnaval e de onde a sua origem?

Para alguns surge da expressão italiana "Carne vale", que significa "adeus carne", destinada a indicar a excessiva licença nos dias precedentes às penitências da quaresma determinadas pela igreja.

Mas é difícil averiguar a etimologia da palavra carnaval pois há controvérsia dos estudiosos, pois alguns supõem que ela se derivou do título aplicado pelo papa S. Gregório ao domingo anterior à Quaresma: "dominica ad carnes levandas carnelevamen" e ainda hoje é usada em Milão o termo **carnelevale** para os três dias de Momo.

Mas há uma terceira etimologia, esta vem de "car navale" ou seja, **carro naval** (**carrus navalis**, em língua romana), pois o carnaval deriva diretamente das Saturnais romanas cele-

bradas inicialmente com caráter religioso, para que o novo ano fosse propício, ou na entrada da Primavera que simbolizava o renascimento da natureza, descambando daí para grandes festas profanas e licenciosas.

Na Grécia, circulada de mares, eram comuns as procissões de barcos com mascarados, dançando e pulando. Com os teutônicos, os celtas, e os romanos, as festas eram feitas em barcos com rodas, (costume ainda em uso em Reus, na Espanha) e as máscaras, significando a maneira de acalmar o espírito dos mortos.

Na Grécia, em Roma, nos países teutônicos, nos celtas, faziam-se procissões em que conduziam, sobre rodas, barcos com mascarados que pulavam e dançavam ao som de canções satíricas e obscenas.

Este costume de carro naval (barco com rodas) na Grécia, na antiga Germânia — Tácito se refere a estes usos — tinham, como dissemos, cunho religioso. Os da Grécia eram dedicados a Dionísios, os de Roma à divindade egípcia Isis, os da Germânia à deusa Herta, onde eram feitas as pro-

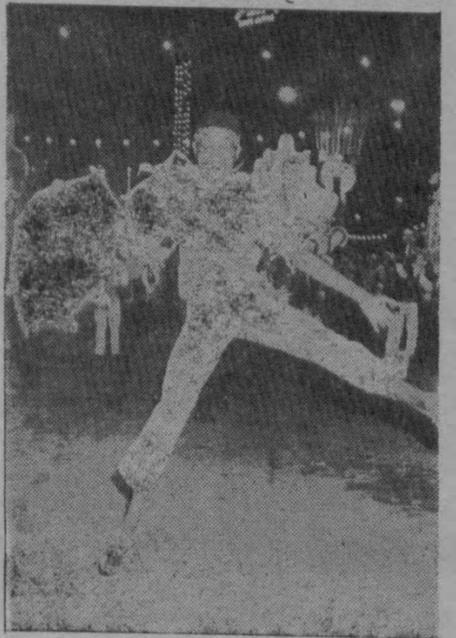
cessões primaveris, sempre com danças e máscaras.

Roma também fazia grandes festas ao deus do vinho, Baco, ou as bacanais, e pela licença com que eram marcadas, a palavra bacanal passou a ter a conotação que todos conhecemos.

Já foi muito famoso o carnaval de Veneza. Uma certa canção veneziana transcrita para violino foi tornada célebre por Paganini que escreveu sobre este tema 20 variações.

Atualmente ainda são conhecidos o carnaval de Nice, na orla mediterrânea, na França e o carnaval de Colônia, na Alemanha. Ambos se sobressaem pela riqueza e engenhosidade dos seus carros alegóricos.

O carnaval entrou no Brasil através da violência do entrudo praticado em Portugal. No Recife antigo desfilavam carros alegóricos, numa reminiscência de influências européias diversas. A aculturação dos costumes transplantados da Europa para o Brasil produziu um carnaval tão quente como os trópicos e com características especialíssimas da engenhosidade do brasileiro.

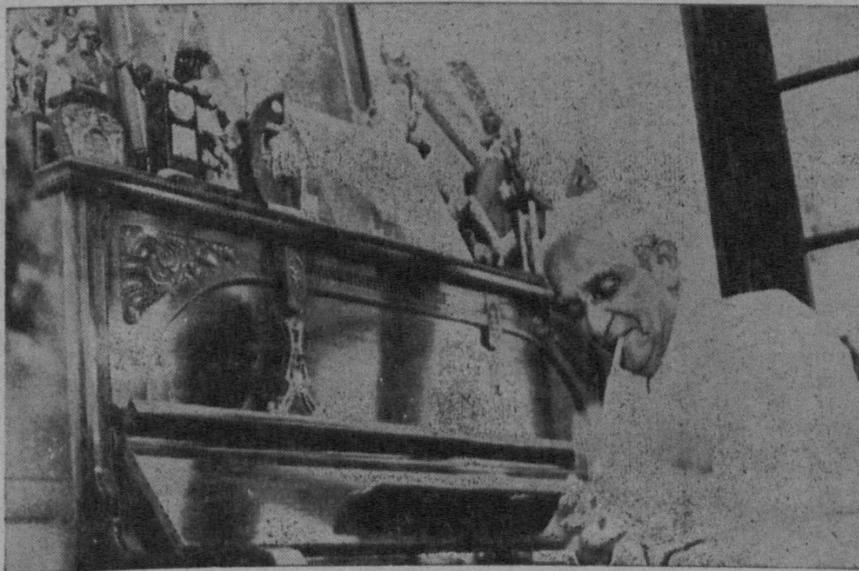


Nelson Ferreira

Pernambuco perdeu, chorando e cantando, a presença de Nelson Ferreira, o grande incentivador do carnaval pernambucano.

Nelson era uma festa que a tudo iluminava com o brilho dos seus olhos e alegria do seu sorriso. Alegria que transbordava do seu próprio temperamento. Dele ficou gravado no Museu da Imagem e do Som: "E de lá para cá tem sido esta vida que estou vivendo, magnífica, adorável", frase que bem retrata a sua personalidade: um homem feliz, contente com a vida e com o talento que Deus lhe deu. Ele mesmo afirmou possuir a alegria de viver. Nelson era uma presença radiofa. Sentia-se rico pelas provas de carinho e de ternura que recebia de todos, do mais humilde ao mais graduado, pela sua música.

Ele se foi para louvar a Deus de perto, mas a sua música fica em Pernambuco para sempre.



M E C divulga Folclore

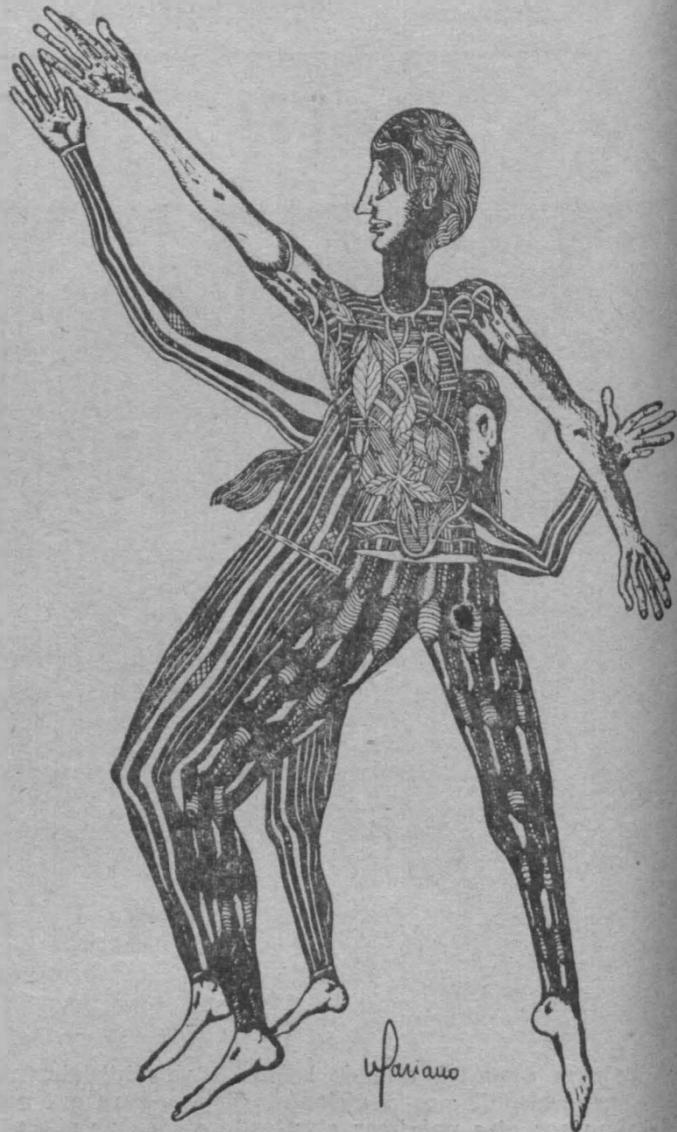
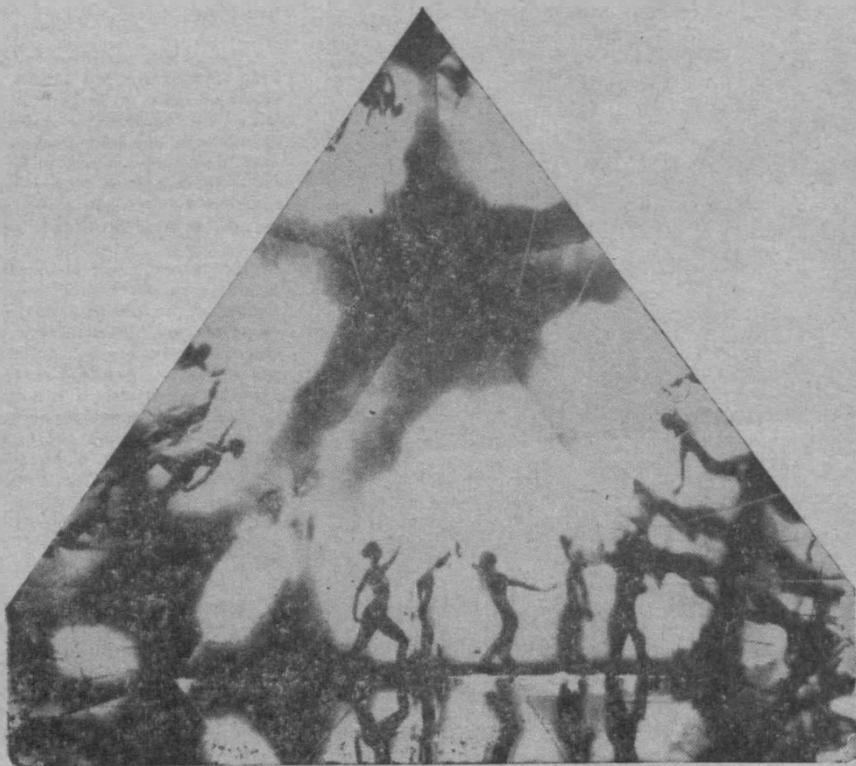
O folclorista Bráulio do Nascimento, agora à frente da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura, inicia a remessa de publicações, a cargo de especialistas, sobre folclore, para maior divulgação de nossa cultura popular.

O JORNAL UNIVERSITÁRIO, que desde o seu início divulga o nosso folclore, mantendo, atualmente, uma página, sob nossa responsabilidade, muito se beneficiará dessa remessa, que, esperamos, seja regular.

Ao diretor-executivo da CDFB, muito obrigada.

DANÇA:

tônico e estímulo à fruição da vida



A poesia não se escreve com idéias, escreve-se com palavras, — disse Mallarmé — e assim poderíamos dizer que a dança não se faz com idéias, mas ritmos passos e gestos. Toda a sua beleza promana do espetáculo do corpo humano em movimento, infinitas possibilidades de movimentos sugeridas pela música que acompanha a dança, daí dizer-se que a dança é uma criação ao mesmo tempo musical e plástica.

A dança nasce de uma necessidade vital de nosso ritmo interior, do elan vital que nos equilibra. A dança, como a ginástica, é capaz de exercitar o corpo e desenvolver uma certa ética que o permite atingir a plenitude. Assim a dança torna-se um tônico, um estímulo à fruição da vida com mais intensidade.

Entre as artes miméticas, farsa, teatro cômico, situa-se a dança. Para Platão, mimesis é um termo geral que descreve a atitude espiritual do artista. Em as Leis escreve: "os deuses cheios de piedade pela raça humana condenada ao sofrimento, ordenaram que se realizassem as festas de ação de graças como descanso para suas preocupações e deram-lhes Apolo, as Musas e Dionísio como companheiros dessas festas, a fim de que essa divina comunidade festiva restituísse a ordem das coisas entre os homens". Sabe-se que a dança fazia parte, entre os gregos, da educação assim como a ginástica.

A arte do nosso tempo, dentro de sua pluralidade de significados, em descobrimentos sucessivos no jogo do acaso, do provável, do polivalente, apresenta, antes de tudo, uma reação contra a ordem tradicional. A arte vive num mundo de novos campos de possibilidades em que o finito e o acabado são excluídos para a fruição renovada e descontinua, indeterminada, de uma arte desprovida de resultados previsíveis em que a liberdade do artista se desdobra dentro da descontinuidade que a física moderna reconheceu: um novo significado do mundo subatômico. Se a arte consiste em dar forma, em ser um "infinito colhido numa definitude", no dizer de Luigi Pareysin, sua totalidade resultante de uma conclusão imprevisível, numa abertura cada vez mais ampla, na tendência em fazer com que cada execução da obra de arte não coincida com uma definição última.

Para a interpretação, dentro das tendências atuais, isto é, da obra em movimento, estão em primeiro plano a música e a dança, na procura intencional de novas riquezas estéticas em que o intérprete moderno se propõe realizar. Neste caso, por exemplo, citaríamos Maurice Bejart, com seu "corpo de baile" cujos dançarinos apresentam-se de colantes brancos, despojados de qualquer adorno, no ritmo dos passos geométricos, entrecortados por sínopes, onde os jogos de luz enriquecem a beleza da exibição. Bejart é um

inovador de grande talento, dando novas dimensões ao balé clássico. Entre nós é louvável a tentativa de Ariano Suassuna com a organização de danças inspiradas no pastoril e na complicada coreografia dos caboclinhos, dentro do movimento armorial por ele criado.

Origem pré-histórica

A dança, com muitas outras manifestações artísticas, tem suas origens muito recuadas. A acreditar-se nas investigações antropológicas e nas conclusões dos pré-historiadores, a dança já surgira antes do neolítico, reservada aos homens e entre estes, aos mágicos, aos sacerdotes.

A história registra várias manifestações de danças como as que faziam parte das cerimônias dos hebreus. Recorde-se a dança do rei David diante da Arca da Aliança.

Nas culturas arcaicas a arte não se separa de sua função sagrada. Aparecem as danças mágico simbólicas, nos rituais das colheitas, também na magia da caça, no culto dos

mortos, onde a dança desempenhou notável papel.

A Dança como Espetáculo

Desde as festas agonais na antiga Roma, em honra a Jano, rei do Lácio, que dançarinos exibem-se para divertimento dos soberanos. E bem antes disso, mas foi a partir do reinado de Carlos VI, na França, que as danças passaram a incluir-se na programação das festas da corte. Constituíam-se em espetáculos apresentados por treinadores profissionais, e nascia assim o balé. Essa forma de dança atinge o auge na segunda metade do século passado quando a música de Tchaikovski ("O Lago dos Cisnes"), passou a integrar os programas dos grandes dançarinos. Na Rússia, Serge Diaghlev promoveu um movimento na intenção de integrar música, dança e pintura para engrandecimento dos espetáculos. Picasso, Braque, Derain participaram assim como grandes compositores como Stravinsk, Ravel, de Falla e Prokofiev produziram músicas que se constituíram em verdadeiras obras primas como, por exemplo,

"Pássaro de Fogo" e "A Sagração da Primavera" interpretadas por coreógrafos como Masine, Balanchine e Fokine.

Em 1916, Isadora Duncan deslumbrava o Rio, sendo comparada por comentadores como Antônio Ferres a "uma expressão cósmica", ao "fluido universal", à "emoção personificada no movimento". E recentemente, a "dama" do balé inglês, Margot Fonteyn, deslumbrava as platéias, com sua arte.

Realmente, a dança, como espetáculo, é uma arte, resultado de constantes e árduos exercícios, que nem todos os iniciantes têm coragem de prosseguir. Aqui no Recife várias jovens dedicam-se à dança, como Maria Beatriz Mota, que ilustra a nossa página.

As danças coletivas

A partir da Renascença a dança tomou grande desenvolvimento. Surgem então a sarabanda, a gavota, a pavana e o minueto. No século XIX aparecem as contra-danças que se transformam na quadrilha, na valsa, na polka, na mazurka e no "pas-de-quatre".

Considera-se uma sutil distinção entre ballado e dança. O ballado seria uma ação cênica a qual concorrem apenas a dança e o gesto, constantemente acompanhados pela música. Já o baile é uma festa constituída de diversas danças que são os movimentos regulares e rítmicos do corpo ao som da música.

As danças coletivas de que o nosso carnaval é um exemplo típico sempre existiram entre os diversos povos, tão logo o sagrado cede lugar ao profano. Os hebreus faziam as festas das sortes, os gregos festejavam Bacos com festins caracterizados por grande licéncia, as bacanais. Roma celebrava as saturnais, com danças ao som de músicas estridentes, máscaras, disfarces dentro de regozijos coletivos.

Nos anos 50 surge um ritmo novo que vem modificar, sensivelmente as danças coletivas: o rock de raízes negras, adorado pela juventude. Paralelo ao rock surge o 16-16-16 e com ele as danças passam a novo contexto, expressão de imprescindíveis exigências do modelo cultural de nossos dias.

